

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MILENA RAMOS

**A PESSOA DO LEITOR/ESCRITOR: UMA PROPOSTA DE
EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES**

Porto Alegre
2014

MILENA RAMOS

**A PESSOA DO LEITOR/ESCRITOR: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO
PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Claus Dieter Stobäus

Porto Alegre
2014

R175p Ramos, Milena

A pessoa do leitor/escritor: uma proposta de educação para o desenvolvimento de habilidades / Milena Ramos. – Porto Alegre, 2014.

77 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação.

Orientação: Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus

1 Ensino Superior. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Desenvolvimento Humano. I. Stobäus, Claus Dieter. II. Título.

CDD 378

Ficha Catalográfica elaborada por
Sabrina Vicari
CRB 10/1593

MILENA RAMOS

**A PESSOA DO LEITOR/ESCRITOR: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO
PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Claus Dieter Stobäus

Aprovada em: 25 de fevereiro de 2014

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Dr. Claus Dieter Stobäus (PUCRS)

Prof^a. Dr^a. Maria Inês Côrte Vitória (PUCRS)

Prof^a. Dr^a. Gilca Maria Lucena Kortmann (UNILASALLE)

Dedico este trabalho à Marcela, filha querida, presente de Deus, que desde a barriga acompanhou boa parte do Mestrado da mamãe. Aos dois meses, já ia semanalmente aos corredores da Pós-Graduação, e hoje, faz suas leituras, observando as minhas. No brilho dos teus olhos, encontro força diária para todas as lutas!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, força maior, que me permitiu, apesar das turbulências de 2013, concluir esta pesquisa.

À minha mãe, Silja, pelo apoio incondicional, antes e durante o Mestrado, torcendo por mim e sempre tendo palavras de incentivo. Por nos acompanhar semanalmente à PUCRS e cuidar, com tanto amor, da neta recém-nascida, permitindo que eu cursasse disciplina. Por todas os cuidados quando precisei silenciar para as escritas. E pelo quanto tem se mostrado forte para nossa família.

Ao meu pai, Luiz, (in memorian), que nos deixou, inesperadamente, em 2013, feliz com a novidade de ser vovô. Por todo o incentivo e cuidado, pelo orgulho dos meus estudos e porque sempre esteve disposto a ajudar.

Ao meu esposo Jairo, pela compreensão das minhas correrias e ausências, por todo apoio nas horas difíceis do último ano e pelo incentivo às minhas escritas. Ainda, pelo auxílio nos cuidados com nossa filha, para que eu pudesse pensar, ler e escrever esta dissertação.

Aos meus irmãos, Bruno e Luciano. Pela força, preocupações e incentivos no decorrer do Mestrado. E porque, todos os dias, alimentam um sonho do nosso pai.

À amiga Cida, por toda a amizade, força e preocupações comigo. Pelas trocas de ideias teóricas e por ser uma incentivadora.

Especialmente, aos professores que fizeram a diferença no decorrer do Mestrado: Ao Dr. Claus Dieter Stobäus, meu orientador, por tudo que me ensinou nesta caminhada, através do seu exemplo, suas ações e sua humanidade, que o faz perceber a pessoa do aluno. Também por todo apoio, orientação no decorrer da pesquisa e ensinamentos, que levarei comigo. À Dra. Maria Inês Côrte Vitória, por todo o carinho, ensinamentos e amizade. Por abrir as portas da sua sala de aula, com acolhimento e liberdade, me permitindo interagir com os alunos, coletar os dados e conhecer de perto o dia a dia na Graduação. Sem todo esse apoio, esta pesquisa não teria sido possível. Ao Dr. Juan José Mourino Mosquera, pelo conhecimento transmitido através das aulas, dos seus livros, do seu exemplo e das conversas. Estendo minha gratidão a todos os outros professores do Programa com os quais pude aprender e refletir acerca de teorias, dentro e fora da sala de aula, e aos colegas com quem pude trocar ideias, aprender, produzir e que enriqueceram esta caminhada.

Ao PPGEDU, pela possibilidade de cursar a Pós-Graduação em um programa altamente qualificado.

Por fim, à Capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - financiadora da bolsa parcial, que permitiu os subsídios financeiros à pesquisa.

Leitores para sempre

Primeiro, o emancipado se perde, porque precisa aprender, a duras penas, que tem de andar sozinho. Não pode imaginar que outros indiquem, façam seu caminho. Perder-se significa a oportunidade de ver-se forçado, pelas condições da vida, a assumir o próprio destino nas mãos. Por mais que os outros possam ajudar e sejam sempre, em certo sentido, indispensáveis, a emancipação é obra própria, ou não é emancipação. Todo sujeito, quando assume seu destino com autonomia, treme nas bases, porque percebe que ser sujeito é uma temeridade.

Segundo, o emancipado, tendo entendido que precisa inventar, por si mesmo, alternativas e perspectivas, passa a conviver de maneira mais crítica e autocrítica, à medida que aprende a ser solidário sem apagar-se, ou a impor-se sem matar. A emancipação, ainda que sumamente desejada, é sempre dinâmica relativa, porque implica a emancipação dos outros também. O espaço sempre parece pequeno, mas nele precisam caber todos. Engolir a relatividade (não relativismo) da emancipação humana é profunda sabedoria de um sujeito que se tornou capaz de lidar com os outros como sujeitos [...]. Leitura bem feita faz parte desta dinâmica emancipatória, em especial quando modulada inteligentemente como contraleitura. Aí, pode doer muito, quando se percebe que nossas idéias já caducaram, ou que não conseguimos entender bem o que se lê, ou que a mudança implica superações arriscadas, temerárias. A contraleitura não pode exaurir-se na diatribe crítica. Sua coerência maior está na autocrítica. (Pedro Demo)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as práticas positivas de qualificação da leitura e da escrita na Graduação, que primam pelo desenvolvimento das habilidades da pessoa do leitor/escritor. A coleta de dados para o estudo foi feita com alunos da disciplina Educação e Literatura Infantil, do curso de Graduação em Pedagogia da PUCRS. No referencial teórico, abordamos a questão da leitura e da escrita como um compromisso que precisa ser assumido pelas escolas, desde a mais tenra etapa da educação até o Ensino Superior, buscando, através de autores consagrados, elencar os benefícios e a necessidade da qualificação do leitor/escritor nos diversos níveis escolares. Os dados coletados no questionário aplicado nos alunos da Graduação foram analisados qualitativamente através da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin e resultaram nas seguintes categorias, que estão alinhadas aos objetivos propostos por esta pesquisa: 1 - Mediação do Primeiro Contato com a Leitura e a Escrita; 2 - Momentos Relevantes de Leitura e Escrita; 3- Sentimentos Despertados pela Leitura e Escrita na Graduação; 4 - Leitura e Escrita nos Âmbitos Pessoal e Profissional. A análise dos dados nos mostra os bons exemplos da prática positiva em qualificação da pessoa do leitor/escritor na Graduação que vem sendo feita pela professora da disciplina, bem como as necessidades de aprimoramento nessas áreas que os alunos chegam ao curso apresentando. E, nas considerações finais, abordamos os destaques desse trabalho de qualificação que vem sendo feito, bem como o quanto é imprescindível uma abordagem em leitura e escrita que foque o desenvolvimento da pessoa do leitor/escritor na Graduação em Pedagogia, nos outros cursos, e em todos os níveis de ensino.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Desenvolvimento Humano. Educação Superior.

ABSTRACT

This research aimed to examine the positive practices qualifying reading and writing in undergraduate, that excel at developing the skills of the person of the reader/writer. Data collection for the study was done with students of the discipline Education and Children's Literature, Course Undergraduate Education PUCRS. In the theoretical framework, we address the issue of reading and writing as a commitment that must be made by schools, from an early stage of education to higher education, seeking , through established authors, list the benefits and necessity of qualifying the reader/writer in various school levels. The data collected in the questionnaire in the undergraduate students were qualitatively analyzed using the technique of content analysis of Bardin and resulted in the following categories, which are aligned to the objectives proposed by this research: 1 - Mediation of first contact with the Reading and Writing; 2 - Moments Relevant Reading and Writing; 3 - Awakened feelings for Reading and Writing in the Undergraduate; 4 - Reading and Writing in Personal and Professional Scopes. Data analysis shows good examples of positive practice in qualification of the person of the reader/writer in Undergraduate that has been made by teacher discipline, as well as the need for improvement in these areas students come to the course presented. And in closing remarks, we cover the highlights of this work qualification that is being done and how much is an essential approach in reading and writing that focuses on the development of the person of the reader/writer in Graduate Education, in other courses, and at all levels of education.

Keywords: Reading. Writing. Human Development. Higher Education.

LISTA DE TABELAS

TABELA I - Evolução do indicador de alfabetismo funcional	28
TABELA II - Escolaridade da população de 15 a 64 anos no Brasil	29
TABELA III - Níveis de alfabetismo da população de 15 a 64 anos por escolaridade	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL.....	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 LEITURA E ESCRITA: UM COMPROMISSO DESDE A INFÂNCIA.....	15
3.2 PENSAMENTO E LINGUAGEM – FORMAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA	17
4 HISTÓRIA DA LEITURA E DA ESCRITA NO CENÁRIO BRASILEIRO	21
5 ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: PESQUISAS NA ANPED	25
6 ALFABETISMO FUNCIONAL NA GRADUAÇÃO	27
7 A PESSOA DO LEITOR/ESCRITOR NA GRADUAÇÃO, FATOS, SENTIMENTOS E POSSIBILIDADES	32
8 METODOLOGIA	40
8.1 MÉTODO DE PESQUISA E SEUS PROCEDIMENTOS.....	40
8.2 O GRUPO E OS MATERIAIS PESQUISADOS	41
8.3 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	42
9 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	43
9.1 CATEGORIA - MEDIAÇÃO DO PRIMEIRO CONTATO COM A LEITURA E A ESCRITA	44
9.1.1 Subcategoria - Leitura e escrita incentivadas pela família	45
9.1.2 Subcategoria - Escola e/ou universidade como mediadoras da leitura e da escrita.....	47
9.2 CATEGORIA - MOMENTOS RELEVANTES DE LEITURA E ESCRITA.....	50
9.2.1 Subcategoria I - Leitura e escrita por demandas da universidade	50
9.2.2 Subcategoria II - Leitura e escrita por deleite	52
9.3 CATEGORIA - SENTIMENTOS DESPERTADOS PELA LEITURA E ESCRITA NA GRADUAÇÃO	54
9.4 CATEGORIA - LEITURA E ESCRITA NOS ÂMBITOS PESSOAL E PROFISSIONAL .	58
9.4.1 Subcategoria I – Necessidades de leitura e escrita no trabalho.....	58
9.4.2 Subcategoria II – Leitura e escrita no meio pessoal.....	59
9.5 PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES EM LEITURA E ESCRITA NA GRADUAÇÃO	60
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	72
ANEXOS	76

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	73
APÊNDICE B - Exemplo de postagem de questão na Plataforma Moodle	74
APÊNDICE C - Níveis de alfabetismo da população de 15 a 64 anos por escolaridade	75

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I - Termo aprovado pela Comissão Científica	77
--	-----------

1. INTRODUÇÃO

Esta Pesquisa de Mestrado, intitulada “A pessoa do leitor/escritor: uma proposta de educação para o desenvolvimento de habilidades” está vinculado à Linha de Pesquisa Pessoa e Educação, do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

A intenção de pesquisar e aprofundar o tema surgiu a partir da atuação no magistério, através da observação e convivência com alunos dos diversos níveis de ensino enquanto professora de Língua Portuguesa, também como revisora de textos universitários e empresariais. O que me levou a perceber o quanto a familiaridade com a leitura e a escrita, bem como o hábito e o gosto de fazê-las estão pouco arraigados ao ambiente escolar. Em alguns contextos, o professor da disciplina de Língua Portuguesa esforça-se por focar no desenvolvimento dessas habilidades, mas, fato é que, mesmo que o faça com propriedade, ainda não será suficiente para o desenvolvimento mais amplo da escrita e da leitura por grande parte dos alunos, considerando as tantas outras disciplinas que estudam e que, na maioria das vezes, não estimulam um trabalho interdisciplinar nessas áreas.

A leitura e a escrita deveriam ser vistas como primordiais a todas as outras áreas, uma que vez que desempenham papel auxiliar, eu diria, inclusive, muito importante para o alcance dos objetivos das outras áreas com sucesso.

Se os alunos enfrentam dificuldades para desenvolver a leitura e a escrita plenas durante os Ensinos Fundamental e Médio, tampouco todos têm acesso a reais incentivos para desenvolver tais habilidades na Graduação. Esses aspectos acabam por evidenciar-se futuramente, na vida profissional desses alunos. O que já pude verificar muito através das revisões de textos tanto de graduandos quanto de profissionais de empresas em que já atuei e na que atualmente exerço meu trabalho como revisora de textos.

Ainda, já no Mestrado em Educação da PUCRS, através do Estágio de Docência, em 2012, tive a oportunidade de acompanhar as aulas de Literatura de uma das docentes, cujas temáticas de trabalho são a leitura e a escrita dos alunos de Pedagogia, o que me proporcionou reflexões parciais sobre o assunto, uma vez que, nessa disciplina, as fragilidades e pontos fortes dos alunos referentes à escrita e à leitura puderam ser percebidas. Por outro lado, também foi possível conhecer uma realidade de professor que conduziu positivamente suas aulas nesse sentido, instigando e viabilizando o crescimento e real interesse de seus alunos no

desenvolver e aprimorar a leitura e a escrita.

Assim, investigar os alunos do curso de Graduação em Pedagogia possibilita, além de melhor qualidade na formação destes e, por conseguinte, dos cursos, um trabalho mais efetivo nas escolas, pois só é possível que o professor auxilie o desenvolvimento dos seus alunos em leitura e habilidades de escrita se tiver isso construído em sua trajetória, independentemente do nível em que atue ou disciplina pela qual seja responsável.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do nosso estudo é:

Refletir sobre as práticas positivas dos discentes e sua docente voltadas à leitura e à escrita na Graduação, que propiciem um melhor desenvolvimento nas diferentes áreas da vida estudantil, profissional e pessoal.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos gerais do nosso estudo são os seguintes:

- Investigar a capacidade de apropriação de leitura e escrita dos alunos do curso de Pedagogia da PUCRS;
- Avaliar como se construíram e ainda se constroem as habilidades de leitura e escrita destes alunos de Graduação;
- Investigar o bem-estar da pessoa do leitor/escritor para um desenvolvimento pleno em leitura e escrita na Graduação;
- Refletir sobre os resultados positivos, que favoreçam a leitura e a escrita, através da estimulação e trabalho desenvolvido pelos professores da Graduação.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa tem como principais referenciais teóricos textos de autores importantes que tratam o desenvolvimento da leitura e da escrita e a pessoa do leitor/escritor, como Bakhtin, Leontiev, Luria, Morin, Mosquera, Neves, Seligman, Stobäus, Trevisan, Vygotsky, Vitória, Zabalza, dentre outros que foram se fazendo pertinentes através do aprimoramento das leituras e escritas.

3.1 LEITURA E ESCRITA: UM COMPROMISSO DESDE A INFÂNCIA

A importância da leitura, escrita e real compreensão leitora é um compromisso desde o início da formação dos alunos, por todas as disciplinas, e sempre ampliada, em todos os níveis de ensino. Corroborando com isso, Vygotsky (1999, p. 104), no livro *Pensamento e Linguagem*, ao abordar o desenvolvimento dos conceitos na infância, afirmou que:

[...] a partir de investigações sobre o processo de formação dos conceitos, um conceito é algo mais do que a soma de certas ligações associativas formadas pela memória, é mais do que um simples hábito mental; é um complexo e genuíno ato de pensamento, que não pode ser ensinado pelo constante repisar, antes pelo contrário, que só pode ser realizado quando o próprio desenvolvimento mental da criança tiver atingido o nível necessário.

Esse conceito do autor pode ser aplicado também ao desenvolvimento do gosto e habilidade de leitura, escrita e produção textual, porque estes exigem que a criança passe por um desenvolvimento em diferentes áreas para então ser capaz, conforme o estágio em que se encontrar, de apresentar resultados mais aprofundados, oriundos de um processo construído internamente por ela, através de sua relação com o que lhe é apresentado. Por isso, acreditamos que, para desenvolver tais habilidades, é necessário o envolvimento de todas as disciplinas oferecidas ao aluno.

Vygotsky (1999, p. 128) abordou igualmente esta questão:

[...]o aprendizado de uma matéria influencia o desenvolvimento das funções superiores para além dos limites dessa matéria específica; as principais funções psíquicas envolvidas no estudo de várias matérias são interdependentes – suas bases comuns são a consciência e o domínio deliberado, as contribuições principais dos anos escolares. A partir dessas descobertas, conclui-se que todas as

matérias escolares básicas atuam como uma disciplina formal, cada uma facilitando o aprendizado das outras; as funções psicológicas por elas estimuladas se desenvolvem ao longo de um processo complexo.

Ainda, conforme o Professor Dr. Claus Stobäus, (comunicação oral, 2011): “*A vontade de escrever só aparece porque a pessoa leu algo, ouviu, estimulou-se*”. De igual forma, o desejo pela leitura só permanece se for instigado, se tiver sido proporcionado um momento para conhecer, acostumar-se e então poder torná-lo hábito. Assim, poderia haver uma transformação através da leitura sendo desenvolvida pelos professores de todas as disciplinas, considerando que essa capacidade é básica para o alcance dos objetivos de todas as outras áreas.

Se a Educação no Brasil alcançasse o objetivo de que todos os estudantes concluíssem os Ensinos Fundamental e Médio com habilidades de leitura e escrita, bem como compreensão leitora, estes estariam bem mais aptos para todas as outras funções que a vida de trabalho e acadêmica os exigirá. Além disso, a leitura das entrelinhas do não escrito, mas dito numa frase, num texto, em determinado contexto, ou ainda nas mensagens que a mídia apresenta, que estão repletas de implícitos, para os quais é preciso ter habilidade de distinguir informação de fala tendenciosa, saber o que exigir de um político quando este pede voto, o que entender de sua explanação para então, por exemplo, votar consciente e cobrar que se faça o prometido.

Enfim, o que pretendemos é exemplificar e salientar que as habilidades de leitura e compreensão, o saber expressar-se estão muito além da sala de aula, e constituem um tipo de conhecimento que o aluno, além de precisar em todas as disciplinas, levará para vida toda e fará diferença em sua visão de mundo e nos caminhos que seguirá, ou *como* os seguirá. Aqui, lembro a fala do Professor Dr. Juan Mosquera, (comunicação oral, 2012): “*Educar não é só ensinar, é formar*”. Cujas palavras ilustram muito bem o que foi anteriormente manifestado.

Aliás, mesmo para aqueles que já concluíram a Graduação, que já estão colocados em sua profissão, o resultado seria muito melhor se sua educação tivesse sido pautada nas habilidades leitoras, até mesmo para ler revistas de grande circulação e direcionadas ao público mais culto, executivo, científico, enfim, há que se ter tais capacidades para, além de bem aproveitar e compreender o texto, saber discernir o que, de tudo que foi lido, é válido e aproveitável para suas concepções.

Por isso, este é o campo perfeito para tais questionamentos, considerando que os

discentes de Mestrado e Doutorado em Educação atuam ou atuarão com as Licenciaturas, especialmente no curso de Pedagogia, onde se faz a formação do futuro professor da Educação Infantil e dos Ensinos Fundamental e Médio, de modo que, se esses graduandos tiverem claros para si os motivos e acreditarem no poder de transformação que a leitura e a escrita bem trabalhadas por todas as disciplinas propiciariam, a real mudança estará iniciada.

Outro aspecto interessante é o aprofundamento da teoria de Vygotsky sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, o que poderia render ótimos frutos de trabalho considerando que seus estudos apontam que sempre é possível instigar o aluno, mesmo que ele ainda esteja em processo de desenvolvimento, por exemplo, a aquisição da leitura, da escrita e a compreensão do texto. Seria uma possibilidade de estarmos ‘plantando’ para o futuro: “*A curva do desenvolvimento não coincide com a curva do aprendizado escolar, em geral o aprendizado precede o desenvolvimento*” (VYGOTSKY, 1999, p. 127).

Esse tipo de trabalho em sala de aula permite maior interação entre alunos de diferentes níveis de habilidades, contribuindo para que cada um vá sendo instigado a pensar através do convívio com o outro, com a mediação do professor, passando a interessar-se por ler escrever. Atividades de tal porte podem ser desenvolvidas em todas as disciplinas, de modo a contribuir para o desenvolvimento dos alunos, evitando uma educação compartimentada e reduzida aos conhecimentos de uma ou outra área de conhecimento, de modo a permitir aos professores reconhecimento de sua importância em participar da formação integral dos seus alunos.

3.2 PENSAMENTO E LINGUAGEM – FORMAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

A construção do pensamento e da linguagem também deveria ser vista e discutida com maior ênfase nas instituições de ensino e entre seus docentes, uma vez que o (re)conhecimento desta interação existente – entre pensamento e linguagem –, por parte dos docentes das diversas disciplinas, contribui para o desenvolvimento de práticas que proporcionem um melhor compreender e aprimorar os processos de pensamento e sua inter-relação com a palavra lida ou escrita, resultando em fala.

Ao pensar a aprendizagem discente, é necessário que abordemos como se constrói o pensamento e a linguagem, uma vez que estes, quando bem desenvolvidos, contribuem fundamentalmente para os resultados positivos do processo educativo.

Para Vygotsky (1999, p. 97),:

[...] a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém entre a palavra e o pensamento; nesse processo a relação entre o pensamento e a palavra sofre alterações que, também elas, podem ser consideradas como um desenvolvimento no sentido funcional. As palavras não se limitam a exprimir o pensamento: é por elas que este acede à existência. Todos os pensamentos tendem a relacionar determinada coisa com outra, todos os pensamentos tendem a estabelecer uma relação entre coisas, todos os pensamentos se movem, amadurecem, se desenvolvem, preenchem uma função, resolvem um problema.

Nos espaços escolares, há quase um consenso implícito de que as capacidades e aprimoramentos em termos de fala, leitura e escrita são responsabilidade única dos professores que lecionam disciplinas como Língua Portuguesa, Redação e Literatura (e mesmo os que trabalham temas transversais), pois, quando a escola não dispõe dessas três disciplinas, a responsabilidade recai apenas sobre a primeira.

Se esses conceitos forem ampliados a todos os docentes, de modo que adquiram consciência da importância de desenvolver em suas aulas o pensamento e a linguagem, serão mais eficazes ao desenvolver em seus discentes as habilidades de leitura e escrita, e, em consequência, maior sucesso dos resultados escolares, permanecendo tal êxito pela vida acadêmica e profissional.

Conforme Bakhtin (1992, p. 106),:

O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser uma. Ela não se desagrega em tantas palavras quanto forem os contextos nos quais ela pode se inserir.

Aos professores, então, cabe buscar esse valor ‘das palavras’ em suas aulas e incentivar seus alunos a também fazê-lo, independente da disciplina que lecionam, uma vez que diferentes contextos também influenciam em tomadas de significado, o que se faz necessário para a compreensão das especificidades em cada área. Para que os alunos adquiram esse nível de entendimento sobre as palavras lidas, possibilitando as escritas, em diferentes contextos, não basta apenas o trabalho do professor de Língua Portuguesa, mas deve haver um trabalho conjunto de todas as áreas, para melhor prepará-los em direção a uma excelência em compreensão, ampliando, assim, seu vocabulário e manejo de ideias.

Ainda Bakhtin (1992, p. 94), especificamente sobre a questão da compreensão de

cada palavra em seu contexto, salienta que:

O elemento que torna a forma linguística um signo não é a sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica; da mesma quer aquilo que constitui a descodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo.

Essa ideia reforça a necessidade do trabalho ter de ser interdisciplinar, com as palavras e a escrita, que o docente esteja realmente atento ao seu contexto, seus significados e, portanto, sua compreensão de realidade, transmitindo-o aos discentes. Igualmente, essa abordagem permite, por si só, maior capacidade de leitura, pelo próprio entendimento do contexto, bem como de escrita, pois, quanto mais se convive e se explora as palavras, mais se amplia a capacidade de leitura e compreensão.

É possível perceber que, no início do Ensino Fundamental, existe uma preocupação maior com a interdisciplinaridade, de modo que as leituras e escritas ainda são mais focadas como um todo, porém, à medida que cada professor passa a ser o responsável por uma disciplina, tende a valorizar mais os conteúdos técnicos de sua área, deixando pouco espaço para o desenvolvimento da leitura e da escrita, ou deixa de fazê-lo alegando justamente a falta de habilidade dos alunos para tal, não estando convencido de que esta seria uma oportunidade de possibilitar-lhes crescimento.

Além disso, o trabalho focando as palavras em seus variados contextos, e a leitura e a escrita diárias, com real valor para compreensão e transposição, não apenas como processos automatizados, também contribuem para o melhor desempenho dos discentes nas variadas disciplinas, pois, na verdade, ler, compreender e escrever são habilidades necessárias a todas as áreas.

Para Vigostkii, Luria e Leontiev (1989, p. 52),:

Novas experiências e novas idéias mudam a maneira de as pessoas usarem a linguagem, de forma que as palavras tornam-se o principal agente da abstração e da generalização. Uma vez educadas, as pessoas fazem uso cada vez maior da classificação para expressar idéias acerca da realidade.

Segundo Casassus (2009, p. 181), “*uma forma de agir é a ação linguística. Os filósofos da linguagem J. Austin, seu discípulo J. Searle, R. Echeverría e tantos outros nos mostraram que a linguagem não apenas descreve como também é geradora*”.

Esse conhecimento, por parte dos docentes, é fundamental para um trabalho consciente no que se refere às palavras, à linguagem e à escrita, pois, assim, terão noção da real diferença que podem vir a instigar e propiciar na educação de seus alunos.

Alguns alunos, após sua formação nos Ensinos Fundamental e Médio, chegam à Graduação com plenas habilidades de leitura, compreensão e escrita, no entanto muitos demonstram pouca facilidade para tais atividades, o que acaba refletindo-se em seus resultados em quase todas as disciplinas que cursam. Nos cursos de Licenciatura, o problema pode ter um impacto ainda maior, já que os discentes de hoje serão os formadores de amanhã, e sem essas plenas capacidades de linguagem e escrita, torna-se difícil transmiti-las e reforçá-las eficazmente aos seus futuros alunos.

Na verdade, é preciso que os docentes tenham a consciência do importante papel que exercem na trajetória de seus discentes, e de que podem marcá-los tanto negativa quanto positivamente. Isso se manifesta, também, nos processos de aquisição de leitura e escrita, para os quais os professores têm a possibilidade de fazer um trabalho entusiasmado e incentivador, que permita aos alunos crescerem gradualmente e terem vontade de estudar, uma vez que, capacitados para tanto, sintam-se mais pertencentes ao mundo de leituras e escritas, que, então, tornar-se-á mais inteligível para eles.

Segundo Morin (1995, p. 48), *“nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar, e não a ligar os conhecimentos, e portanto nos faz conceber nossa humanidade de forma insular”*.

Os professores precisam ‘sair dessa ilha’ de conteúdos que necessitam dar conta ao final de determinada etapa, e permitir que o ambiente escolar seja propício ao auxílio, ao aprender conjunto e com o outro e que desfaça, aos poucos, toda essa forma isolada de viver e aprender que o próprio sistema de ensino ‘dita e repete’. Assim, uma vez convictos do quanto é oportuno e viável um trabalho com foco no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, poderão contribuir mais ainda para a formação integral do aluno.

4. HISTÓRIA DA LEITURA E DA ESCRITA NO CENÁRIO BRASILEIRO

Na presente pesquisa, optamos por buscar na história um aporte para melhor compreendermos a realidade atual da leitura e da escrita, com o intuito de que os fatos nos auxiliem na opções possíveis no contexto brasileiro para qualificar o leitor/escritor no Ensino Superior.

Nessa linha de pensamento, Hobsbawm (apud Saviani, 2008, p. 3) nos diz:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. Por esse mesmo motivo, porém, eles têm de ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores. Em 1989 todos os governos do mundo, e particularmente todos os ministérios do Exterior do mundo, ter-se-iam beneficiado de um seminário sobre os acordos de paz firmados após as duas guerras mundiais, que a maioria deles aparentemente havia esquecido”.

No Brasil, o início da alfabetização deu-se no período colonial. Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil em 1551, fundando, então, o primeiro colégio do país, e seu intuito era doutrinar.

Conforme Mattos (apud Saviani, 2008, p. 1), “*No Brasil a origem das instituições escolares pode ser localizada em 1549 com a chegada dos jesuítas que criaram, na então colônia portuguesa, “a primeira escola brasileira”.*

Essa era uma continuidade da ação ocorrida na Europa, onde a Companhia de Jesus havia sido fundada, por Inácio de Loyola, em 1534, com intuito de pregar o evangelho através da educação, e seus membros eram considerados soldados intelectuais de Cristo. A metodologia jesuíta foi um sucesso, cumprindo o papel de catequizar os nativos, mas também atraindo os portugueses, que matriculavam seus filhos e, em troca, contribuía com a Companhia fazendo doações generosas, o que permitiu que multiplicassem seus colégios e missões.

Após atritos com os colonos, por suas posições referentes à escravidão, à educação de indígenas em sua própria língua e, inclusive, por terem se tornado mais ricos que a coroa portuguesa, em 1759, o Marquês de Pombal, primeiro ministro do rei D. José, expulsou os

jesuítas do Brasil e de Portugal, confiscando todos os bens da Companhia. Assim, deu-se início à Reforma Pombalina, que introduziu o ensino da Língua Portuguesa no Brasil, em detrimento do latim, que predominava nas escolas dos jesuítas.

Mas, um dos primeiros problemas a despontar foi a falta de professores, especialmente alfabetizadores, o que Pombal resolveu colocando sargentos das milícias militares como professores nos colégios para substituir os jesuítas, resultando numa educação autoritária, baseada em decorar o alfabeto e na punição com castigos físicos.

Em 1808, quando a família real vem para o Brasil, alguma melhoria na educação começa a acontecer, mas no que se referia à alfabetização, pouco se modificou, o acesso era restrito para o ensino das primeiras letras.

Após a Independência do Brasil, em 1822, alguns avanços quanto ao letramento, especialmente na formação de professores. E, depois da proclamação da República, em 1889, o Brasil passou a pensar a implementação de um sistema de instrução pública e gratuita. A partir da Constituição de 1891, quando todos tornaram-se iguais perante a lei, teve início o debate sobre os índices de analfabetismo e passou-se a pensar novas formas de ensinar e alfabetizar.

Em 7 de setembro de 1915, a questão da leitura e da escrita passou a ganhar maior atenção, de modo que foi formada, no Rio de Janeiro, a Liga Brasileira contra o Analfabetismo, com o lema "combater o analfabetismo é dever de honra", cujo objetivo era que, até 1922, não houvesse analfabetos no Brasil.

Anos depois, a Constituição de 1934 trouxe, pela primeira vez na história constitucional brasileira, um capítulo específico para definir a educação como direito de todos:

Art. 149. A educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana.

Em 1947, foi implementada a primeira política pública nacional de educação escolar para adultos: a Campanha Nacional de Alfabetização. Esta campanha contava com recursos federais. É importante salientar que, finalmente, na década de 50, o analfabetismo no Brasil passou a ter alterações significativas em seu percentual que era de 50,5% em 1950 e caiu para

39,6 % em 1960, conforme o IBGE.

Aqui, a partir de leituras sobre o tema, elencamos as várias campanhas que auxiliaram nas tentativas de erradicação do analfabetismo no Brasil: Em 1958, no governo de Juscelino Kubitschek, foi criada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo; em 1961, o Movimento de Educação de Base criado pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil- CNBB); já em 1964, no governo João Goulart, foi instituído o Programa Nacional de Alfabetização, que tinha por base o método Paulo Freire. Quatro anos depois, em 1968, no governo da ditadura militar, foi dado início ao Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral. Em 1985, no governo José Sarney, deu-se início à Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos – Educar. Cinco anos depois, em 1990, no governo Fernando Collor de Mello, foi criado o Programa nacional de Alfabetização e Cidadania – Pnac. Passados apenas três anos, em 1993, no governo Itamar Franco, se cria Plano Decenal de Educação para Todos.

Por último, em 1997, no governo Fernando Henrique Cardoso, foi criado o Programa de Alfabetização Solidária, o qual existe até hoje, tendo a parceria de empresas, instituições governamentais e de Ensino Superior. Em seu site, o programa apresenta os resultados alcançados até então:

5, 5 milhões de brasileiros atendidos 259.656 alunos atendidos no Projeto Grandes Centros Urbanos (PGCU) 2.433 municípios atendidos 254 mil alfabetizadores capacitados 209 Parceiros (iniciativa privada, instituições governamentais e internacionais) 371 Instituições de Ensino Superior (IES) parceiras

Na página do programa, encontra-se sua descrição:

A AlfaSol atua desde 1997 nos municípios brasileiros com os maiores índices de analfabetismo, indicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixos (ou bolsões de pobreza de municípios de IDH médio e alto), com o objetivo de reduzir os altos índices de analfabetismo que ainda vigoram no Brasil e no mundo.

O que corrobora com os pressupostos desta pesquisa, uma vez que afirma estar atuando há 16 anos no combate ao analfabetismo, mas que muito ainda precisa ser feito. Ainda, mais que isso, acreditamos que combater o analfabetismo é imprescindível, para, depois, buscar-se combater o analfabetismo funcional, que é o que encontramos em muitos alunos da Graduação, que passaram por um sistema de ensino completo, em condições

diversas, é bem verdade, mas todos o concluíram, e, mesmo assim, enfrentam dificuldades de leitura, escrita e compreensão de textos.

Tal fator acaba por incidir em seus resultados na Graduação, bem como na qualidade do profissional que se forma, uma vez que, sem o embasamento de leitor/escritor pleno, outras dificuldades provavelmente irão se apresentar no decorrer de sua vida profissional, considerando que a leitura e a escrita perpassam, de alguma forma, todas as outras atividades.

Como nossa pesquisa está focando alunos do curso de Pedagogia, é interessante pensar que este profissional terá em suas mãos a oportunidade e responsabilidade de formar leitores e escritores, assim, cabe refletir sobre alguns pontos. O Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf Brasil 2001 a 2011), em sua última análise, apontou que apesar de o percentual da população alfabetizada funcionalmente ter aumentado de 61% em 2001 para 73% em 2011, apenas um em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura e escrita, como segue:

Os resultados mostram que durante os últimos 10 anos houve uma redução do analfabetismo absoluto e da alfabetização rudimentar e um incremento do nível básico de habilidades de leitura, escrita e matemática. No entanto, a proporção dos que atingem um nível pleno de habilidades manteve-se praticamente inalterada, em torno de 25%.

Em 2012, a Revista Nova Escola online publicou nova reportagem, que traz dados interessantes sobre o analfabetismo:

A boa notícia é que conseguimos fechar a torneira do analfabetismo absoluto", comenta Roberto Catelli Júnior, coordenador do programa de EJA da Ação Educativa. Pela primeira vez, o percentual de pessoas de 15 a 24 anos no nível mais baixo do Inaf é zero.

Entretanto, é preciso atentarmos que, por outro lado, o grande foco agora é o combate ao analfabetismo funcional, que segue apontando problemas em nosso país, enquanto que o analfabetismo absoluto está erradicado.

5. ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: PESQUISAS NA ANPED

Através de análise no banco de dados da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Educação, órgão que se constitui em referência nas pesquisas que estão sendo gestadas e refletidas nas escolas e nas universidades de nosso País, no artigo intitulado *Docente e discente: interinfluências nos processos*, Dohms, Ramos, Stobäus e Mosquera (2012) analisaram as últimas duas reuniões da ANPED (2010 e 2011), quando de sua escrita, do GT 10 – Alfabetização, leitura e escrita, a fim de identificar o que vem sendo produzido na academia sobre o assunto.

Dohms, Ramos, Stobäus e Mosquera, (2012, p.15) perceberam que vem aumentando o número de produções, mas ainda há pouco foco para o observar e incentivar o hábito de leitura e escrita propriamente ditos:

[...] verificamos que, dos 39 trabalhos publicados no GT 10 nos anos de 2010 e 2011, apenas 30 estão relacionados com os discentes e docentes, havendo uma predominância nos relacionados aos discentes (23 trabalhos). Os demais trabalhos publicados neste GT analisaram o livro enquanto ferramenta para aquisição de leitura/escrita/oralidade (5), outros dois trataram sobre a influência da família nesses processos, um realizou análise histórica de uma cartilha escolar, e outro um levantamento sobre as Dissertações acerca da alfabetização.

Conhecer e aprofundar os estudos sobre a leitura e seu processo de aquisição é de importância ímpar para o aprimoramento, inclusive, da escrita, pois ambas se complementam. Conforme Mosquera e Stobäus, (2011, p. 197),:

Aprender a ler é, pois, processo contínuo, que não esgota temporalmente no momento em que pensamos que dominamos a tradução de sons em letras, característica das diferentes línguas de escrita alfabética. Saber ler significa, fundamentalmente, ser capaz de extrair informação de material escrito, qualquer que seja o suporte (papiro, papel, meios informáticos), com o objetivo de transformar esta mesma informação em conhecimento.

Também, quanto mais a academia dedicar-se a pesquisar o tema, escrever a respeito e propor possibilidades para os trabalhos voltados à leitura e à escrita, maiores são as probabilidades de estes serem inseridos no dia a dia das escolas, pois circularão pelos cursos de Graduação, trazendo uma visão renovada do assunto aos futuros profissionais da área.

De acordo com Christofoli (2011, p. 140), “as crianças, desde muito cedo, iniciam a formular hipóteses sobre a leitura. Assim como vão construindo hipóteses sobre a escrita e,

escrevendo, também vão construindo hipóteses sobre a leitura, lendo”. Portanto, é necessário que os professores tenham posse e estejam convictos desses conhecimentos, para estarem dispostos a um trabalho mais focado e integrado no sentido de possibilitar na aquisição da linguagem plena.

Outro dado relevante identificado por Dohms, Ramos, Stobäus e Mosquera (2012), foi que, de todos os trabalhos escritos para o GT 10 em 2010 e 2011, apenas dois eram direcionados ao Ensino Superior, o que denota o quanto ainda precisa ser explorado e ampliado o tema, para que se possa obter melhores resultados no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita na Graduação.

É possível constatar que uma pesquisa de aprofundamento no assunto poderia contribuir para um trabalho mais amplo para desenvolver a pessoa do leitor/escritor na Graduação. Conforme a Profa. Dra. Maria Inês Côrte Vitória (comunicação oral, 2013): *TODOS podem desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita. Gostar de ler e aprender a escrever usufruindo de ambas habilidades como práticas sociais é algo que se ensina e se aprende.*

Acreditamos que observar, estimular e cuidar da pessoa do leitor/escritor na Graduação são tarefas que podem e precisam começar através de maior número de pesquisas sobre o assunto, para então ter subsídios para desenvolver as habilidades de leitura e escrita nos discentes com amparo da teoria, contribuindo para o aperfeiçoamento da pessoa, de modo que possa bem transitar nessas áreas, cujos reflexos estendem-se a outros campos que fazem parte de sua trajetória.

6. ALFABETISMO FUNCIONAL NA GRADUAÇÃO

Uma pesquisa divulgada pelo Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, parceiros na criação e implementação do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), retrata os índices de alfabetismo no Brasil. De acordo com a pesquisa realizada pelas instituições, apesar de o percentual da população alfabetizada funcionalmente ter aumentado de 61% em 2001 para 73% em 2011, apenas um em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura e escrita.

Conforme Pedro Demo (2007, p. 32),:

O alfabetismo é o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita, em determinado contexto, e é a relação estabelecida entre essas habilidades e conhecimentos e as necessidades, os valores e as práticas sociais. Em outras palavras, o alfabetismo não se limita pura e simplesmente à posse individual de habilidades e conhecimentos: implica também, e talvez principalmente em um conjunto de práticas sociais associada sem leitura e a escrita, efetivamente exercidas pelas pessoas em um contexto social específico.

Esta pesquisa existe há uma década, e classifica os avaliados em quatro níveis diferentes de alfabetização: plena, básica, rudimentar e analfabetismo. Esses quatro níveis são divididos em dois grandes grupos, conforme Inaf Brasil 2011-2012:

1- Funcionalmente alfabetizados:

***Alfabetizados em nível básico:** leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo com pequenas inferências, leem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade.*

***Alfabetizados em Nível pleno:** pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos usuais: leem textos mais longos, analisam e relacionam suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos.*

2- Analfabetos funcionais:

***Analfabetos:** não conseguem realizar nem mesmo tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.).*

***Alfabetizados em nível rudimentar:** localizam uma informação explícita em textos curtos e familiares (como, por exemplo, um anúncio ou pequena carta), leem e escrevem números usuais e realizam operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias.*

Segundo o Instituto Paulo Montenegro, ao longo desse tempo em que a pesquisa é aplicada, os resultados mostram que houve uma redução do analfabetismo absoluto e da alfabetização rudimentar e um incremento do nível básico de habilidades de leitura, escrita e matemática. Porém, a proporção dos que atingem um nível pleno de habilidades manteve-se praticamente inalterada, em torno de 25%, conforme mostra a Tabela I:

Tabela I							
Evolução do Indicador de Alfabetismo Funcional							
População de 15 a 64 anos (em %)							
	2001- 2002	2002- 2003	2003- 2004	2004- 2005	2007	2009	2011- 2012
Analfabeto	12	13	12	11	9	7	6
Rudimentar	27	26	26	26	25	21	21
Básico	34	36	37	38	38	47	47
Pleno	26	25	25	26	28	25	26
Analfabetos funcionais (Analfabeto e Rudimentar)	39	39	38	37	34	27	27
Alfabetizados funcionalmente (Básico e Pleno)	61	61	62	63	66	73	73
	base	2002	2002	2002	2002	2002	2002

Fonte: INAF BRASIL 2001 a 2011

Obs.: Os resultados até 2005 são apresentados por meio de médias móveis de dois em dois anos de modo a possibilitar a comparabilidade com as edições realizadas nos anos seguintes.

Os resultados dessa tabelam evidenciam avanços nos níveis iniciais do alfabetismo, mas pouco progresso para o nível de alfabetizados em nível pleno, através do qual poderíamos dizer que o indivíduo está inserido na sociedade letrada. Ainda, este seria o nível ideal e esperado dos alunos de Graduação, mas que, através de nossa pesquisa, percebemos que não é o nível em que a maioria dos alunos universitários encontra-se.

Na Tabela II, abaixo, temos dados sobre o nível de escolaridade no País, de acordo com dados censitários do IBGE. Conforme esses dados, o número de brasileiros com Ensino Médio ou Superior cresceu em quase 30 milhões na década 2000-2010, como mostra a tabela abaixo:

Tabela II
Escolaridade da população de 15 a 64 anos no Brasil / IBGE

Escolaridade	Censo		PNAD	
Sem escolaridade	10%	10.866.552	9%	11.766.782
Ensino Fundamental I	30%	32.599.656	18%	23.533.564
Ensino Fundamental II	28%	30.426.345	24%	31.378.086
Ensino Médio	24%	26.079.725	35%	45.759.708
Superior	8%	8.693.242	14%	18.303.883
TOTAL	100%	108.665.519	100%	130.742.024

Fonte: Censo Populacional IBGE 2000 e PNAD 2009

Mas, de acordo com o Instituto Paulo Montenegro, apesar dos avanços no nível de escolarização, os dados do Inaf (2011-2012) não têm apontado ganhos em domínio de leitura e escrita que correspondam, sendo que:

[...]somente 62% das pessoas com ensino superior e 35% das pessoas com ensino médio completo são classificadas como plenamente alfabetizadas. Ainda “um em cada quatro brasileiros que cursam ou cursaram até o ensino fundamental II ainda estão classificados no nível rudimentar, sem avanços durante todo o período”.

Isso nos dá uma visão geral de como se encontram os alunos desde o Ensino Fundamental até o Superior, que é o alvo de nossa pesquisa, denotando que um trabalho muito focado precisa ser feito para qualificar as habilidades em leitura e escrita na Graduação, para que esses números possam ter alterações positivas nos próximos anos da aplicação do Inaf. Na Tabela III, temos os níveis de alfabetismo dispostos por escolaridade:

Tabela III
Níveis de alfabetismo da população de 15 a 64 anos por escolaridade (em %)

Níveis	Até Ensino Fundamental I		Ensino Fundamental II		Ensino Médio		Ensino Superior	
	2001-2002	2011	2001-2002	2011	2001-2002	2011	2001-2002	2011
<i>Bases</i>	797	536	555	476	481	701	167	289
Analfabeto	30	21	1	1	0	0	0	0
Rudimentar	44	44	26	25	10	8	2	4
Básico	22	32	51	59	42	57	21	34
Pleno	5	3	22	15	49	35	76	62
Alfabetizado Funcionalmente (Analfabeto e Rudimentar)	73	65	27	26	10	8	2	4
Funcionalmente Alfabetizado (Básico e Pleno)	27	35	73	74	90	92	98	96

O que podemos evidenciar é que, mesmo tendo aumentado o nível de escolaridade,

isso não garantiu o pleno domínio de habilidades de alfabetismo, que permaneceu estagnado, tendo, inclusive, uma pequena redução, o que, automaticamente, se reflete na qualidade de leitura e escrita no Ensino Superior.

Assim, temos fortes indícios de que a educação no Brasil está sofrendo com a falta de qualidade. Do contrário, teria que ter ocorrido algum progresso nos índices de alfabetismo pleno, uma vez que a escolaridade aumentou significativamente.

Sobre os dados que o Inaf vem apresentando, a revista Nova Escola online (2009) contribuiu mencionando a importância do professor ter o desejo de formar o sujeito leitor/escritor:

As soluções para melhorar os resultados dos brasileiros no Inaf especialmente dos mais jovens, dependem sim de mudanças amplas. Entre elas, tem destaque a atuação do professor, que pode contribuir alterar essa realidade. A primeira postura positiva está em fazer da leitura uma tarefa para diária, importante para o aprendizado em qualquer disciplina. Para isso, o educador tem de querer mais do que ensinar os alunos a ler e a escrever Deve desejar formar o sujeito leitor e escritor.

Salientamos que, na Graduação, o analfabetismo funcional ou alfabetismo funcional não pleno manifesta-se de forma diferente ao de alguém que não completou o Ensino Fundamental, por exemplo. No Ensino Superior, ele traduz-se em ter dificuldade em alguma coisa, seja na leitura, que não é plena, na compreensão do leu ou na escrita de textos, e todas essas manifestações prejudicam o rendimento do aluno, não só em disciplinas de leitura e escrita, mas em todas as outras, pois ler, escrever e compreender são atividades que estão presentes em todas as disciplinas.

Outra questão pertinente é que o nível de alfabetismo funcional tem repercussões em vários campos da vida da pessoa. No caso de pessoas que pretendem ingressar na universidade, o ENEM é um balizador, pois quem não é aprovado nele não pode concorrer a bolsas de gratuidade do Governo, bem como algumas faculdades já estão usando seus resultados para o próprio ingresso no Ensino Superior, de modo que as pessoas que não são alfabetizadas plenas terão dificuldade em ter boa colocação nas provas, especialmente pela questão da compreensão dos enunciados, da leitura e das habilidade em manifestar suas ideias através do texto.

Nesse sentido, Pedro Demo (2007, p 33) contribui:

O alfabetismo impõe-se na vida cotidiana, no trabalho, á direção de um

carro, no supermercado. Vai, assim, além de ler e escrever e é por isso que, em situações de países mais avançados, ler e escrever já são pressupostos óbvios, insistindo-se sempre mais nas habilidades de resposta às demandas sociais. É neste horizonte que aparecem as expectativas de que o alfabetismo tenha relação favorável com o progresso social e individual, inclusive de ascensão social e de exercício de cidadania.

Ainda, o nível de alfabetismo funcional tem repercussões em muitos outros resultados pessoais, nos quais a pessoa precisa demonstrar essas habilidades, como é o caso de concursos públicos; outros grandes concursos, como o da OAB, em que a pessoa, já graduada, precisa ser aprovada em uma prova de nível complexo para poder exercer a profissão.

Os resultados do ENADE, que avalia cursos de Ensino Superior ao final da Graduação, com intuito de pontuá-los, também são influenciados pelo nível de alfabetismo dos alunos. Os resultados ruins nessa avaliação podem ter relação com dificuldades de leitura, escrita e compreensão dos enunciados. Exceto quando são oriundos de boicote, como o caso ocorrido em uma universidade do RS em 2013, quando alunos do curso de Comunicação combinaram-se de boicotar a prova para demonstrar algumas insatisfações suas e trazer a avaliação do MEC à instituição, desqualificando, assim, toda a trajetória de ensino construída.

Assim, acreditamos que os alunos egressos do Ensino Superior alcançariam melhores resultados no ENADE, bem como em concursos se tivessem nível pleno de alfabetismo.

7. A PESSOA DO LEITOR/ESCRITOR NA GRADUAÇÃO, FATOS, SENTIMENTOS E POSSIBILIDADES

Alguns estudos atuais têm se dedicado às emoções e aos sentimentos também como aspectos que influenciam as aquisições intelectuais, como bem destaca Damásio (2004), ao afirmar que toda experiência de nossa vida é acompanhada por algum grau de emoção, especialmente em relação a problemas sociais e pessoais importantes. Já existe uma percepção no sentido de que eles influenciam no quanto e como se aprende e, respectivamente, nas ações do ser humano. Assim, a cognição está diretamente ligada à emoção, de modo que sem trabalhar esta, dificilmente atingiremos a parte cognitiva que permeia toda a educação.

Conforme Asensio, García Carrasco, Núñez Cubero e Larrosa (2006, p. 23),:

Nos últimos anos, se tem tido conhecimento, inclusive através de publicações que chegaram ao grande público, de trabalhos de alguns cientistas sobre a dinâmica da mente emocional e sua influência no comportamento humano. Frutos de que esse interesse, mais que renovado, inédito, da ciência atual pelas emoções tem sido, por exemplo, a determinação de alguns dos circuitos nervosos envolvidos nelas, entendendo como esses organizam a dinâmica corporal que leva a certos estados afetivos ou o modo como as emoções influenciam a cognição e o comportamento.

A leitura e a escrita passam por esses processos, e pode-se dizer que a parte emocional se reflete diretamente nos hábitos de ler e escrever, nas habilidades para tal, na desinibição em fazê-los, no gosto desenvolvido, isso desde os primeiros anos escolares até a Graduação e, inclusive, para além disso. Ou seja, é preciso que o educador tenha posse dessas informações para possibilitar um desenvolvimento amplo de seus educandos.

Leitura e escrita são fruto de experimentação, vivência e construção de cada um, conforme, além das habilidades, as oportunidades de desenvolvimento, de experimentação positiva, de perceber no professor incentivo com paixão e verdade, porque ler e escrever faz parte de sua vida também.

Conforme Asensio, García Carrasco, Núñez Cubero e Larrosa (2006, p. 145),:

A conclusão pedagógica é evidente: o enriquecimento da inteligência emocional, a competência na gestão emocional, pelo menos em períodos evolutivos, onde a maturidade está se formando pode enriquecer a compreensão dos acontecimentos que dão conteúdo às programações cognitivas, com protocolos de experiência para incorporar riqueza emocional.

Assim, não é suficiente uma escola ter bibliotecas, dar espaço para que o aluno tenha contato com os livros, e possibilitar momentos de escrita, o *como* tudo isso será feito tem suas implicações, que tanto podem ser positivas quanto negativas, desde o início dos anos escolares e, inclusive, na Graduação, etapa para a qual esta pesquisa está se dedicando.

Sabendo que o fator emocional interfere na cognição, como já explicitado, a partir de pesquisadores renomados que se dedicam ao tema, como os espanhóis Assensio, Carrasco, Cubeiro e Larrosa, pode-se depreender que os alunos da Graduação já iniciam o curso com sua bagagem pré-formada a respeito de leitura e escrita. Esta pode ser positiva, permitindo ser lapidada e aprimorada, ou negativa, que depende do tipo de interação que for proporcionada ao aluno para que consiga transpor as barreiras que o bloqueiam e possa despertar para a leitura e a escrita com maior tranquilidade, rumo à autonomia.

Destacam Assensio, García Carrasco, Núñez Cubero e Larrosa (2006, p. 153),:

Quando um campo de conhecimento já está sobreaprendido e torna-se automático, habitual, pode ser executado com certa independência de seu valor afetivo e prazeroso. Contudo, a experiência mostra que a pessoa habituada antecipa com mais segurança que a ação que empreende se institui em fonte de prazer.

Desse modo, os processos de leitura e escrita de um aluno que os domina, tem prazer em fazê-los e teve suas etapas de aprimoramento bem desenvolvidas antes de entrar na Graduação, ocorrerá durante o curso com naturalidade, automaticamente, sem sofrimentos que o bloqueiam e impedem de se apropriar dos conhecimentos, uma vez que ler e escrever com propriedade são atributos necessários ao bom rendimento em todas as disciplinas.

Mas, conforme Assensio, García Carrasco, Núñez Cubero e Larrosa, é justamente a dificuldade com algum conhecimento que dificultará seu aperfeiçoamento nele, trará insegurança e bloqueará o prazer que poderia ser proporcionado durante sua execução. Isso se encaixa perfeitamente no que se refere à leitura e à escrita. Alunos que bloqueiam para ler e escrever e não têm prazer em fazê-los na Graduação precisam ser estimulados e sentirem-se à vontade de modo a adquirirem cada vez mais segurança, que permite desenvolver-se e ir-se apropriando do ler-escrever como atos possíveis para sua pessoa.

No sentido de verificarmos a possibilidade da realização da pesquisa, procuramos, durante o Estágio de Docência com a turma de Graduação da PUCRS da Professora Dra. Maria Inês Côrte Vitória, como mencionado anteriormente, aproveitar a oportunidade para ouvir e ler relatos que permitiram compreender melhor essas diferenças dos estudantes do

Ensino Superior, bem como fui surpreendida positivamente com o exemplo da professora da turma, que, com brilhantismo, os estimulava e deixava livres para ler e escrever com liberdade, favorecendo o despertar do leitor/escritor. Assim, a partir daqui, usaremos alguns elementos abstraídos das aulas do estágio para completar a organização das ideias.

Uma das práticas aplicadas nas aulas era uma escrita ao final de cada encontro semanal, em torno de cinco linhas, em que era proposto aos alunos discorrerem sobre alguma questão posta pela professora ou livremente sobre o que fora despertado naquela aula. Tal atividade é interessante pela diversidade de objetivos que busca atingir. Os alunos, além de repensarem alguma questão voltada à leitura e/ou escrita trabalhada em aula ou de sua trajetória, também têm a oportunidade de uma escrita livre, descompromissada, não visando avaliação.

Momentos assim facilitam o fluir do texto e o progredir na escrita também, especialmente para graduandos que apresentam algum tipo de bloqueio ou dificuldade na escrita. Através das escritas da turma, evidenciaram-se fatores que influenciaram os diferentes tipos de leitor/escritor que se apresentam. Destaco uma dessas atividades, em que alguns explicitaram experiências negativas em relação à leitura, como um aluno que escreveu: *“Ah, quanto livro obrigatório o colégio pedia e eu não gostava, fingia que lia e me enrolava”* Outro aluno relatou *“Minha primeira experiência com livros foi horrível, pois tive que ler obrigada.”*

Igualmente, experiências positivas também foram relatadas: *“Quando tinha um ano e minha mãe contava histórias todas as noites[....]”, “Minha mãe lendo fotonovelas, antes mesmo de eu aprender a ler. Queria muito sentir a emoção que via nos seus olhos.”. “A professora da primeira série contando a história do alfabeto”,* denotando que as vivências com a leitura e escrita foram bem diferenciadas para cada aluno, de modo que alguns tiveram incentivo à leitura desde que eram bebês, pela família – pais, tios ou padrinhos, outros na Educação Infantil, por professores e/ou pais, outros somente na adolescência, no final do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, e outros, conforme relatos em aula, através desta disciplina de Educação e Literatura Infantil é que passaram a ter interesse em fazer uma leitura por deleite, por exemplo.

Ainda, apesar de ser uma questão que os alunos não gostam de relatar por sentir constrangimento, aos poucos, foi ficando mais evidente que alguns não desenvolveram o gosto pela leitura, tampouco se sentem à vontade para escrever ou conseguem fazê-lo com

habilidade.

Nessa linha, refletindo sobre o compromisso da escola no sentido de qualificar o aluno na leitura e escrita, e não apenas nas aulas de Língua Portuguesa, ou através dessa disciplina, mas de todas as que compõe o currículo, Neves (2000, p. 15) contribui:

E para a grande maioria de nossas crianças a escola é o único lugar onde há livro - e não só as de classe popular, onde não sobra dinheiro para comprar livro, mas também na classe média, onde o dinheiro que sobra não costuma comprar livro. Ler tudo, desde as banalidades que possam parecer divertidas até coisas que o professor julga que devem ser lidas para o desenvolvimento pessoal do aluno como pessoa sensível, civilizada, culta, como cidadão, para o estabelecimento de seu senso estético, de sua solidariedade humana, do seu conhecimento.

E segue o mesmo autor (p. 15):

Isso é tarefa do professor de português? É. É tarefa do professor de história, de geografia, de ciências, de artes, de educação física, de matemática... É. É tarefa da escola: a escola – os professores reunidos na mais básica das atividades interdisciplinares – vai reservar alguns períodos da semana para que os alunos se dediquem, em suas salas de aula, à leitura individual, solitária, silenciosa de todo tipo de material, impresso: livros, jornais, revistas noticiosas e especializadas, romances, contos, ensaios, memórias, literatura infanto-juvenil, literatura adulta, paradidáticos de todas as áreas, textos de todo tipo, enfim, postos à sua disposição para que o exercício da leitura os transforme em leitores.

Se considerarmos os graduandos que receberam incentivos somente no final do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, podemos depreender que muito foi perdido nesta trajetória de formação sem leituras por deleite, sem conhecer o prazer da leitura e sequer usufruir de seus benefícios na escrita.

Ou seja, mesmo que, atualmente, este aluno tenha desenvolvido o hábito da leitura, por ser mais tardia, sua formação ficou prejudicada, deixou de ser aprimorada pela falta de agregador importante, não só nas disciplinas de comunicação e escrita, mas em todas, refletindo em sua capacidade de compreensão de textos diversos, de questões propostas, dos conteúdos e, até mesmo, de criatividade.

Assim, os professores de todas as disciplinas e a escola como um todo precisam estar atentos ao seu papel na formação geral do aluno. Conforme Mosquera e Stöbaus (2006, p. 109),:

Para ajudar a formar pessoas e preparar pessoas para a vida em sociedade, para o campo de trabalho, no processo pedagógico nem sempre temos

desenvolvido atitudes como observar, fomentar a interação, desenvolver a imaginação, acreditar na criatividade, como bases de modelos de identidade de autoimagem e de autoestima com a finalidade de autorrealização.

Aos que não desenvolveram gosto, não têm o hábito de ler, sequer conseguem concluir com qualidade as leituras obrigatórias das disciplinas da Graduação, a trajetória no curso de Pedagogia torna-se bem mais complicada, mas a atuação de seus professores pode fazer a diferença, se estiverem preparados para tal. Ainda mais porque os alunos de Pedagogia não concluirão o curso com formação técnica, a Graduação os preparará para atuar com pessoas, em idade inicial de formação e precisando de bons exemplos, especialmente.

Com base nessas observações e interações na sala de aula surgiram as perguntas usadas no questionário desta pesquisa.

A descoberta desse exemplo de professor em sala de aula quando ainda estava definindo os rumos da pesquisa foi inspiradora, denotando que, apesar de tantos problemas de leitura e escrita hoje existentes, especialmente em alunos de Graduação, que é o foco desta pesquisa, se algum professor está fazendo diferente, há uma luz no fim do túnel, é possível explorar o assunto, pesquisar a respeito, para que uma transformação no modo de trabalhar o tema na Graduação possa acontecer.

Vitória e Christófoli (2013, p. 46), sendo uma das autoras a professora da Graduação a quem nos referimos nesta pesquisa, explicitam em artigo publicado recentemente:

[...] são inúmeros os desafios que ainda não superamos quando o assunto é a escrita no Ensino Superior, pois ainda é demasiado expressivo o número de alunos que evidencia dificuldades ao escrever. [...] a escrita dos alunos precisa ser qualificada – e não de esperar que, por um passe de mágica, esta mesma escrita se veja afetada por nosso desejo de que ela se aprimore, sem que nenhuma ação intencionalmente pedagógica seja assumida.

Isso justifica, também, o porquê desta ação diferenciada e focada no desenvolvimento amplo do aluno em leitura e escrita, pois esta professora tem o conhecimento da atual situação dos alunos do Ensino Superior em leitura e escrita, bem como a certeza de que não basta sonharmos com uma mudança sem que se faça algo bem planejado e executado com firmeza para, de fato, qualificar o aluno e perceber melhorias.

Nas vivências em sala de aula durante o Estágio de Docência foi possível perceber que o estímulo à leitura e à escrita, a vontade e paixão com que o professor apresenta livros, textos e propostas de trabalho faz diferença na formação do aluno e em seu interesse pelas atividades.

Nessa linha de atuação da professora, Mosquera (1978, p.158) afirma: [...] *Os estudantes são, provavelmente, mais influenciados pelo exemplo dado pelo seu professor do que pelos sermões de plataforma.* Assim, evidenciamos que muito pouco efeito surtiria frente aos alunos se a professora apenas falasse sobre a importância da escrita e leitura para o aluno de Ensino Superior mas suas ações não fossem pautadas nessa teoria, tanto em sala de aula quanto em suas pesquisas e publicações.

Aqui salientamos que também comprovamos tal entusiasmo da professora através das aulas na Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado, em que também presenciamos alunos encantando-se e passando e inserir em sua vida a leitura por deleite, por exemplo, e sentindo-se encorajados a escrever e deixar seu texto melhor fluir para as escritas acadêmicas, trabalhos, dissertações e teses.

A professora, durante todo o semestre, falou com paixão e entusiasmo aos alunos sobre a literatura, os livros, o ler e o escrever. Sobre esse aspecto, posso dizer que observei com alegria cada aula, e fui percebendo uma alternativa real ao que, a priori, quando traçava os caminhos da pesquisa de Mestrado, não pensei que encontraria.

Erikson (1972, apud Mosquera, 1978 p. 157) destaca como qualidades necessárias aos professores universitários: *“Aprender a teoria e ensiná-la. O professor é um contínuo estudioso e na universidade deve distinguir-se pela aquisição do conhecimento factual e processual, assim como a sua melhor colocação ante o grupo de alunos”*.

Tal fato foi reforçando para nós, mais ainda, a viabilidade da pesquisa, pois a necessidade de mudança no modo de trabalhar leitura e escrita em todos os níveis de Educação já é de conhecimento de muitos, inclusive há testes aplicados nacionalmente nos alunos que comprovam isso, como Provinha Brasil e Enem, mas presenciar um professor já fazendo a diferença, que pode ser percebida nos alunos da Graduação ao final do semestre, é uma mostra de que não estamos pensando uma utopia, é possível.

Os cursos de Graduação noturnos enfrentam o problema de que a maioria de seus alunos trabalha durante o dia, restando pouco tempo para fazer as tarefas das disciplinas, isso diminui seu tempo de leitura, fazendo com que até as obrigatórias sejam lidas sem a dedicação necessária. Igualmente acontece com a escrita. A pressão causada pelo pouco tempo para leitura e escrita vai gerando um mal-estar na pessoa do leitor/escritor, que as faz de modo mecânico, não conseguindo refletir sobre elas e perceber o quanto leu e ou escreveu com propriedade.

Também Vitória e Christófoli (2013, p. 43) citam um autor que alerta para a necessidade, apesar das adversidades, de apostar e insistir na escrita, e nós acrescentamos na leitura, já que ambas se complementam:

Páez (2007) diz que o sonho de todo aquele que se planeja para escrever é fazê-lo em uma casa grande, com uma maravilhosa vista sobre o mar, com um cachorro peludo dormitando junto a uma lareira da sala principal. E é também este autor que diz: quem espera ter essas condições para escrever na realidade não quer escrever.

No curso de Pedagogia da PUCRS, constatamos que quase todos os alunos trabalham o dia todo para poder pagar seu curso, ou para seu sustento, sendo que vários têm bolsa Prouni, de modo que a maioria está em seu terceiro turno quando chegam para as aulas, o que reflete, de alguma forma, no aproveitamento do curso, e, também, no tempo que demandam para as leituras obrigatórias das disciplinas e, mais ainda, nas leituras por deleite.

Esse aluno, leitor/escritor, mesmo que somente na sala de aula, se tiver aptidões a desenvolver em leitura e escrita e não encontrar um professor que o viabilize, passará a desenvolver cada vez mais um mal-estar com relação ao assunto, preferindo tomar distância dos livros e da escrita de textos a sofrer sozinho sem conseguir resolver.

Assim, a questão da leitura e da escrita é subjetiva também, pode envolver mal-estar, como aqui mencionamos, e bem-estar, que seria o ideal para seu bom desenvolvimento, e é preciso um professor sensível a tudo isso e esclarecido a respeito para que possa auxiliar seu aluno a trilhar um caminho mais tranquilo no aprimoramento do ler e escrever.

Sobre isso, conforme Mosquera e Stobäus (apud ENRICONE, 2006, p. 103),:

O desenvolvimento cognitivo [...] está intrinsecamente conectado às dimensões afetivas e sociais da personalidade humana. Por isto pensamos que é de importância máxima o reconhecimento da afetividade e subjetividade, através das manifestações em autoimagem e autoestima, repercutindo também na autorrelização.

Considerando que estamos analisando um grupo de futuros professores, pode-se dizer que a problemática é cíclica, pois, se não qualificados enquanto leitores e escritores, em sala de aula, quando assumirem seus postos profissionais, terão a tendência a não aprofundar leitura e escrita no Ensino Fundamental, e, assim, vão se formando outros alunos que, ao ingressa na Graduação não terão desenvolvido essas habilidades.

Nesse sentido, Pedro Demo (2006, p. 127) aborda o quanto pode ser doloroso o processo de leitura e, ao mesmo tempo, quão emancipatório pode vir a ser o processo da

leitura qualificada para a trajetória da pessoa:

Assim como saber pensar, de certa maneira, dói, ler bem também dói, porque pressupõe, antes da crítica, a autocrítica, a autodesconstrução, a humildade de aprender de ideias dissonantes, divergentes, mundos paralelos, expectativas conflitantes. A boa leitura provoca instabilidade, porque sem esta nada se mexe. O fenômeno da emancipação implica esta trajetória dolorosa, naturalmente.

Ainda, é na universidade que o aluno de Pedagogia, futuro professor, precisa tomar posse de conceitos e conhecimentos que influenciem positivamente na sua prática. Não será através da prática e das necessidades que constatar enquanto professor que conseguirá modificar sua ação, ele precisará de subsídios teóricos que qualifiquem sua fala, escrita e ação.

Isso evidencia que os cursos de Graduação em licenciaturas, aqui nos referimos especialmente ao de Pedagogia, precisam estar atentos à qualidade de formação que estão propiciando aos seus alunos. A teoria precisa vir antes, criando uma base sólida para uma prática futura que ofereça um diferencial em sua atuação profissional em sala de aula.

8. METODOLOGIA

8.1 MÉTODO DE PESQUISA E SEUS PROCEDIMENTOS

Após realização do Estágio de Docência com a Professora Dra. Maria Inês Côrte Vitória, optamos, junto com ela, seguir realizando a nossa pesquisa com os alunos da disciplina Educação e Literatura Infantil, tendo a docente nos permitido autorização com a FAGED para realização desta investigação com os graduandos. Logo após a aprovação da Comissão Científica (Anexo 1), começamos a pesquisa.

Nossa pesquisa utilizou como instrumento o questionário, e o método escolhido foi a pesquisa escrita, aplicada através da Plataforma Moodle da disciplina Educação e Literatura Infantil do curso de Pedagogia da PUCRS, considerando que a disciplina usa a plataforma como parte integrante de todas as aulas, onde são postados os conteúdos, materiais que a professora utilizará na aula, bem como tarefas e fóruns para os alunos postarem e participarem. Por já estarem acostumados ao uso da plataforma, a coleta de dados tornou-se interessante e de fácil acesso aos participantes, que poderiam respondê-las no momento mais propício para si, conforme fossem participando das atividades da semana na Plataforma Moodle.

As respostas foram coletadas e armazenadas na plataforma. A periodicidade de cada questão foi semanal, permitindo que os participantes tivessem tempo para responder cada uma delas, focando apenas uma pergunta a cada semana. A intenção foi analisar as respostas dadas a cada pergunta individualmente, depois no contexto geral das questões, observando, também, a capacidade de compreensão da questão em si e a resposta dada, portanto, habilidade de leitura, bem como as habilidades de escrita para elaborar as respostas.

A compilação das respostas a cada pergunta deu-se através da cópia de cada resposta da Plataforma Moodle para um documento de word, de modo que, ao final da pesquisa, tínhamos um documento para cada pergunta, compilando, respectivamente, as respostas de cada participante. O acesso à Plataforma, tanto para a coleta de dados, observação e interação com os alunos, quanto para a cópia das respostas foi autorizado pela professora da Disciplina, Dra. Maria Inês Côrte Vitória, desde o período de observações, quando fizemos o Estágio de Docência.

A pesquisa é qualitativa, utilizando como técnica a Análise de Conteúdo de Bardin (2006), através da leitura flutuante, que permitiu o estabelecimento de categorias, passando, então, para a análise dos dados coletados.

De acordo com Bardin (2010, p. 44), análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Lembramos que as categorias são temáticas, conforme surgiram na leitura flutuante, bem como excludentes, de acordo com a proposta de Bardin.

8.2 O GRUPO E OS MATERIAIS PESQUISADOS

Esta pesquisa foi realizada com alunos do sexto semestre da disciplina Educação e Literatura Infantil do curso de Pedagogia da PUCRS, em 2013, que responderam as questões através da Plataforma Moodle, após autorização da professora titular da disciplina e da assinatura do Termo de Consentimento por parte dos alunos. Salientamos que a disciplina, por abordar tema universal, possibilita a inscrição de alunos de outros cursos, de modo que alguns alunos de Letras estavam matriculados e responderam ao questionário.

Usaremos para análise nesta pesquisa as respostas de 11 participantes, selecionados através da leitura flutuante, por terem respondido todas as questões e de modo mais completo.

Reiterando, as perguntas estabelecidas para o questionário da pesquisa foram oriundas de reflexões do estágio, das minhas práticas enquanto professora e revisora de textos, bem como das conversas com os professores do PPGEDU Dr. Claus Dieter Stobäus, orientador, e Dra. Maria Inês Côrte Vitória, titular da disciplina.

Perguntas abordadas no questionário, postadas individualmente a cada semana, conforme exemplo da postagem de questão na Plataforma Moodle. (Apêndice B):

- 1- Como se deu e/ou se dá teu contato com a leitura e a escrita? Alguém o mediou? Como foi esta mediação?
- 2- Tens algum contato com leitura e escrita? Quando? Em que situação (somente na universidade, além, onde...)?

- 3- E nas aulas de Graduação, em que momentos utilizas a leitura e a escrita? Como os percebes? Como gostarias que fossem?
- 4- No âmbito pessoal e profissional, usas a leitura e a escrita em alguma tarefa? Como são esses momentos para ti? Menciona, se possível, facilidades e ou dificuldades para realizá-las.

8.3 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Após qualificação, o Projeto desta Dissertação foi encaminhado à Comissão Científica da FACED da PUCRS, tendo sido aprovado, conforme Anexo 1, sem a recomendação de remessa ao Comitê de Pesquisa.

Os alunos da disciplina assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) para a pesquisa, bem como nomes e imagens dos participantes não foram utilizados, de modo que estão identificados como Sujeitos (S) na denominação, seguidos de um número, que identifica cada um em suas respostas, como segue o exemplo: S1, S2 e assim sucessivamente.

9. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após acompanhamento das aulas de Literatura da Professora Dra. Maria Inês Côrte Vitória, do curso de Pedagogia da PUCRS, durante Estágio de Docência, realizado no ano de 2012, pudemos verificar subsídios que auxiliaram nos nortes da pesquisa, especialmente no que se refere ao nível de leitura e escrita que os alunos apresentam na Graduação, às histórias que contaram sobre a construção da leitura e da escrita em sua trajetória escolar, bem como o modo como se sentem em relação a esses aspectos. Também foi possível observar a atuação especial da professora, que permitiu crescimento visível dos alunos ao final do semestre, bem como garantiu mais certeza sobre o tema desta pesquisa.

Como o intuito sempre foi a pesquisa em si, há muito a ser aprofundado, inclusive o *como* melhor desenvolver essas capacidades nos alunos de Graduação, que, futuramente, serão professores, fazendo um trabalho que entenda e contribua para o desenvolvimento da pessoa do leitor/escritor, que possa sentir-se aberto e livre para essas atividades, e que façam parte do seu dia a dia como algo bom, positivo, e que seja um objeto de inclusão nos meios em que circular. Ainda, uma vez presente como um facilitador na vida da pessoa, especialmente do futuro professor, é provável que a sementinha da leitura e da escrita esteja sendo germinada, e, com muita dedicação, persistência e vontade, contribuirá para melhorias nas abordagens do assunto nas escolas.

A partir das respostas ao questionário na Plataforma Moodle, que nos possibilitou observar mais de perto os alunos da turma, suas interações com o questionário, bem como suas escritas, ao elaborar sua participação, podemos afirmar que este modo de coleta foi extremamente interessante para a intenção desta pesquisa.

Como já explicamos anteriormente, os textos em word, que compilam as respostas dos sujeitos para cada pergunta, são a base para nossa análise. De modo que temos um documento com a compilação das respostas a pergunta 1, outro para as respostas a pergunta 2, outro para a 3 e outro para a 4, nos permitindo a visão integral de respostas a cada pergunta, bem como a totalidade das respostas para as quatro questões, possibilitando a leitura delimitada e ampliada das respostas.

Ressaltamos, também, que, para preservar a identidade dos participantes, estes estão identificados como Sujeitos (S) na denominação, seguidos de um número, que identifica cada um em suas respostas, como segue o exemplo: S1, S2 e assim sucessivamente.

Ao iniciarmos a leitura flutuante das respostas, foi possível perceber que os alunos sentiram-se mais à vontade para abordarem temas que, em um grupo de conversas, talvez não estivessem dispostos a falar, uma vez que o assunto leitura e escrita, por mais em pauta que esteja no ambiente da universidade, para um futuro professor, abrir suas mazelas cara a cara com os outros colegas, pode ser constrangedor, e até mesmo favorecer a formação de grupos por afinidades e dificuldades, o que tem suas consequências.

Ainda, como as perguntas foram sendo postadas uma a uma, semanalmente, os participantes tiveram o tempo necessário para responder cada questão de uma vez, o que permitiu que se debruçassem mais sobre elas, de modo que alguns escreveram respostas bem completas, com riqueza de dados, para todas as assertivas. Salientamos que, nos trechos extraídos das respostas dos alunos, sublinharemos o que tem destaque principal a nossa pesquisa, assim não os descontextualizamos, facilitando a compreensão da resposta.

9.1 CATEGORIA - MEDIAÇÃO DO PRIMEIRO CONTATO COM A LEITURA E A ESCRITA

A primeira pergunta do questionário: *Como se deu e/ou se dá teu contato com a leitura e a escrita? Alguém o mediou? Como foi esta mediação?* gerou a categoria Mediação do primeiro contato com a leitura e a escrita. Seu intuito foi fazer com que os alunos relembressem como foi sua inserção no mundo da leitura e da escrita, quem as mediou e como foi esse processo, para que pudéssemos entender um pouco do leitor/escritor que ora se apresenta na Graduação.

As respostas foram bem diferenciadas, com as particularidades próprias de cada universitário, já nos dando indícios de algumas das suspeitas a priori, de que o tipo de leitor/escritor que temos hoje, e, por consequência, o escritor, tem suas raízes também na formação inicial, seja familiar ou do contexto escolar. Desta categoria, surgiram duas subcategorias: Mediação à leitura e escrita pela família; Mediação à leitura e à escrita pela escola e/ou universidade.

9.1.1 Subcategoria - Leitura e escrita incentivadas pela família

Esta subcategoria surgiu a partir das respostas dadas a primeira pergunta do questionário. Alguns alunos lembraram momentos marcantes em que a leitura e a escrita foram inseridas pela família em suas vidas. Foi possível perceber que escrever sobre a família contribuindo para algo de extrema importância hoje para eles, estudantes de Pedagogia e futuros professores, que é a leitura e a escrita, fez bem, foi como que um resgate de algo bom, uma raiz plantada na infância, por pessoas queridas e estimadas por eles.

Quando era criança não tinha estímulo de meus pais, e meu contato com a leitura iniciou através da contação de histórias que minha tia fazia quando ia visitá-la. Isto se estendeu durante toda a adolescência, quando pegava livros da biblioteca da sua faculdade para que eu pudesse ler. Hoje, sei o quanto o papel dela foi importante na minha formação leitora." (S1)

[...]Tenho lembranças positivas desses momentos, pois eu lia a bíblia para a minha tia-avó, que era analfabeta [...] essa mediação na leitura e na escrita foram feitas por pessoas com quem eu me relacionava afetivamente: minha mãe, minha tia-avó e minha professora de alfabetização. Tenho contato com a leitura e a escrita diariamente, devido aos textos da faculdade, aos poemas nos ônibus, ao Diário Gaúcho, e agora, aos livros didáticos da minha filha (6 anos). Eu leio todos os dias. [...](S5)

[...]Quando criança, lembro de minha mãe me estimulando e convidando a fazer leituras, mas a forma como me era colocado parecia mais uma coisa negativa do que positiva. Lembro que ela sempre me dizia para ler em momento em que eu estava "aprontando", portanto isso me levou a ver a leitura como uma punição. [...]. Hoje gosto de ler, mas confesso que nem tudo, ainda há algumas coisas que me parecem maçante. (S7)

Salientamos que, mesmo nesta categoria, em que os sujeitos relataram experiências de mediação da leitura pela família, os pais não foram as figuras centrais, o primeiro relato, inclusive, cita os pais para dizer que não incentivaram a leitura e a escrita do filho(a). Aqui, independente da realidade desses pais e bagagem cultural, nos parece que fica implícito o desejo de que tivessem sido eles os responsáveis por apresentar ao filho(a) o mundo da leitura e da escrita.

Por outro lado, o reconhecimento à tia (S1) que se esforçava para contar histórias e retirar livros na faculdade em que estudava marcaram muito positivamente e contribuíram

para o gosto pela leitura, bem como geraram sentimento da gratidão pela contribuição na formação leitora deste(a) sobrinho(a).

O afetivo, descobrimos através dos relatos, está intrinsecamente ligado à aquisição da leitura e da escrita. Especialmente, um participante (S5) mencionou a mãe, a tia-avó e a professora como laços afetivos que marcaram sua mediação em leitura e escrita. Provavelmente por ter boa relação com a professora, a classificou também como afetivo, o que é possível, mas ultrapassa os conceitos básicos do ensinar, transferindo-se a um patamar que acreditamos mais elevado, uma vez que a afetividade em sala de aula pode render bons frutos ao alcance dos objetivos do professor.

Conforme Mosquera (1978, p. 91),:

A dimensão afetiva, deste modo, abre uma das perspectivas mais importantes para compreender a pessoa do professor. O homem não é aquilo que representa ser, mas aquilo que ele realmente é, ou que no mínimo, aceita ser, a verdade de sua verdade, a congruência da sua incongruência.

E, acreditamos, um professor que tenha sua afetividade bem trabalhada e desenvolvida, conseguirá ser afetivo com seus alunos também, independente do grau de ensino, marcando positivamente o discente vida afora.

Também, a questão do poder que o acesso à leitura confere, quando a tia podia ter contato com os textos bíblicos pela leitura do(a) sobrinho(a), criança, mas já letrado(a), e a lembrança positiva de tudo isso que ficou, bem como, nos parece, orgulho em poder contribuir abrindo “as chaves” da Sagrada Escritura a quem não podia fazê-lo.

Nesse sentido, Lajolo (1999, p. 34) confirma o quanto o acesso à leitura confere poder ao leitor, por poder fazer parte, pertencer e compreender um mundo e código específico: *Assim sendo, leitores desfrutam de imenso poder, ainda que sejam extremamente voláteis.*

Ainda nesta categoria, encontramos a leitura como punição, que mesmo sendo mediada pela mãe, o componente “*ler em momento em que eu estava “aprontando”*” foi registrado com maior intensidade pela criança, dando uma conotação negativa ao ato de ler, que até hoje traz suas implicações para esta pessoa, e percebemos que o “*gosto de ler*”, como descrito, não é uma realização, uma leitura plena e desejada, fazendo com que algumas até se tornem maçantes para este sujeito.

Acreditamos que isso também interfira na qualidade de todas as outras leituras, seja as demandas da universidade ou as de trabalho, e precisam ser abordadas e estimuladas na

Graduação, para que não reflitam no futuro profissional deste aluno.

9.1.2 Subcategoria - Escola e/ou universidade como mediadoras da leitura e da escrita

Esta subcategoria também surgiu a partir das respostas dadas a primeira pergunta do questionário. Alguns alunos responderam que a escola foi ou a universidade é o seu principal mediador de leitura e escrita. Percebemos a importância dessa mediação por parte da escola e da universidade, inclusive a mediação indireta, que se dá quando o professor solicita leituras e acaba fazendo com que o aluno entre em contato com os textos e, porventura, venha a desenvolver o gosto por algum tema ou assunto e a leitura propriamente dita, especialmente se for despertado o interesse através da motivação e gosto pelos textos por parte do professor que solicita.

[...] Outra mediadora de minhas leituras e escrita foi a minha inesquecível profa. De alfabetização [...] porque essa profa., com todo carinho, permitiu que eu tentasse e por diversas vezes... e percebeu a hora certa de ajudar a escrever aquele “i” com sua carinhosa mão, levando a minha na linha do caderno. [...] Foi mágico, emocionante! [...] sinto saudades de minha alfabetização! E certifico que alfabetizar rima com AMAR. É uma ligação de afeto com as letras e com a professora que está mediando esse contato!” (S5)

[...] A partir da 6ª série tínhamos que ler um livro a cada semestre e fazer uma ficha de leitura [...] Sempre tive o hábito de ler obras escolhidas por mim, não havia dinheiro para compra, mas tinha biblioteca e os amigos que emprestavam, meu pai sempre foi um grande leitor e é até hoje, talvez essa atitude tenha me influenciado. (S9)

Aqui percebemos que a escola, especialmente na figura do professor, tem papel fundamental também no quanto os universitários hoje tem apreço pela leitura e pela escrita. O ensino com afeto, alfabetizar com amor, como foi denominado pelo S5 são fatores que contribuem para a aquisição da leitura, da escrita, da alfabetização, e podem ser carregados positivamente pelo resto da vida, permitindo melhores e mais qualificadas leituras e produções textuais na Graduação e vida profissional afora.

O professor do Ensino Fundamental, ao solicitar leituras, e mais uma vez o dizemos, dependendo de como o faz, do gosto que tiver pela leitura e da paixão aos livros que conseguir demonstrar, pode contribuir para o desenvolvimento do leitor/escritor, através das leituras que solicitar, bem como das atividades que fizer a partir dessas leituras.

Segundo Lajolo (1999, p. 106),:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos.

Assim, fica para a escola uma responsabilidade maior e um benefício ímpar ao aluno na medida em que a instituição escolar tiver como objetivo trabalhar a literatura, a leitura, dando conta de explorar sua linguagem, pois os ganhos vão muito além das aulas em que se lê um livro ou trabalha-se a leitura, refletem-se na vida, nas situações mais variadas como cidadão.

De acordo com Neves (2000, p. 17), “A sala de aula é lugar de criação de um vínculo com a leitura, pela inserção do aluno na tradição do conhecimento”. Em continuidade a esse assunto, afirma:

O mesmo para escrita: se nós, professores de todas as áreas, proporcionarmos a nossos alunos oportunidades para que escrevam muito para dizer coisas significativas para leitores a quem querem informar, convencer, persuadir, comover, eles acabarão descobrindo que escrever não é aquela trabalhadeira inútil de preencher 25 linhas, de copiar livro didático e pedaços de enciclopédia. Nossos alunos descobrirão que são capazes de escrever para dizer a sua palavra, para falar deles, de sua gente, para contar a sua história, para falar de suas necessidades, anseios, de seus projetos e acabarão por descobrir que são gente, que têm o que dizer, que têm história, que têm necessidades, anseios, que têm o direito a satisfazer suas necessidades, a fazer projetos, que podem aspirar a uma vida melhor, enfim.

O fato de o pai ser leitor, como é o caso do S9, mesmo que não tenha diretamente influenciado o(a) filho(a), o exemplo fala mais que as palavras, e crescer tendo um leitor em casa é uma possibilidade grande de absorver seu costume como algo bom e digno de ser seguido, assim como tantos outros exemplos de atitudes e comportamentos que a pessoa desenvolve pelo convívio familiar. Em se tratando de pais e mães, então, essa relação de ídolo para os filhos é maior ainda, e eles buscam segui-los.

A leitura e a escrita estão sempre presentes no meu dia a dia. Por ser estudante de letras, acabo por ler muito o que contribui muito para o meu aprendizado. Quase todas as lembranças que tenho são boas, pois até as leituras obrigatórias acabam sendo agradáveis.

(S11)

O meu contato com a leitura se dá através da faculdade. Sendo assim, os professores são os mediadores de tais atividades. (S10)

Nesses dois últimos relatos, temos a evidência da universidade como mediadora da leitura e da escrita. No primeiro, percebe-se que o sujeito está imbricado com a leitura e a escrita, que fazem parte de sua vida, ele lê bastante, gosta, inclusive, das leituras obrigatórias. E pode dizer que tem lembranças positivas de leituras e escritas.

Esse é o ápice que todos os professores que primam pelo ler/escrever na Graduação gostariam de ver nos alunos, mas podemos afirmar, pelas observações que fizemos e pelos dois anos de contato com alunos do Ensino Superior, que é uma exceção. Ainda, é preciso atentar que este sujeito, conforme explicitou, é aluno do curso de Letras, curso com grande foco em leitura e escrita, de modo que antes de inscrever-se no vestibular para o curso, a pessoa vai refletir sobre como será sua trajetória nele, se tem condições e afinidades para frequentá-lo e concluí-lo. Assim, acabam por cursar Letras, em sua maioria, indivíduos que já tenham afinidade, gostou ou habilidade com leitura e escrita, o que não é, exatamente, uma premissa para o curso de Pedagogia.

Ainda, é importante pensarmos no trabalho desenvolvido em leitura e escrita na universidade como um todo, no curso de Pedagogia e nos outros também, tendo em vista os benefícios dessas atividades, que já explicitamos nos capítulos anteriores, considerando o alcance da universidade: são muitos jovens, em sua maioria, que representam diferentes parcelas da sociedade, e que estarão, num futuro breve, ocupando postos de trabalho significativos também.

De acordo com Mosquera (1978, p. 153): *Entre os assuntos mais polêmicos da nossa época destaca-se o significado e a missão da universidade. A importância desta problemática reside no papel preponderante que o ensino superior alcançou nas sociedades modernas.*

Isso foi escrito por Mosquera há mais de 30 anos, e podemos dizer que é algo muito atual, acreditamos, inclusive, que nos dias de hoje faz ainda mais sentido. Assim, os benefícios de um trabalho focado em leitura e escrita qualificada seria uma discussão interessante para toda a universidade, tendo vista o lugar que ela ocupa na sociedade hoje, bem como o alcance de suas decisões e ações.

Ainda, conforme Mosquera e Stobäus (apud ENRICONE, 2006, p. 109),:

Os alunos universitários, especialmente os de Pedagogia, estando no final da adolescência, princípio da vida adulta, têm muitas coisas ainda a aprender. A maior aprendizagem decorre, em nossa opinião, em termos de entender bem sua própria pessoa, valores, sentimentos e expectativas, através da interação com os outros.

Nesse sentido, acreditamos que também é papel da universidade hoje contribuir para o amadurecimento dos alunos que passam por essa transição da adolescência para a fase adulta, e o sugerimos através dessa qualificação em leitura e escrita. Através da leitura, é possível repensar questões suas, ressignificar e, até mesmo, mudar a perspectiva de resolver problemas. Ou seja, na medida em que repensa a sua pessoa, o aluno pode entender-se melhor, e tudo isso mediado por um texto de sua escolha, ou sugerido pelos professores. Com a escrita, pode ocorrer processo semelhante, possibilitando repensar e conhecer-se melhor ao escrever sobre si.

9.2 CATEGORIA - MOMENTOS RELEVANTES DE LEITURA E ESCRITA

A segunda pergunta do questionário *Tens algum contato com leitura e escrita? Quando? Em que situação (somente na universidade, além, onde...)?* gerou a categoria Momentos relevantes de leitura e escrita. Através desta questão buscamos nos inteirar do quanto ou se os entrevistados fazem o uso da leitura e da escrita em sua rotina atualmente e, ainda, se apenas na universidade ou além dela.

9.2.1 Subcategoria I - Leitura e escrita por demandas da universidade

Esta subcategoria emergiu a partir das respostas dadas a segunda questão da pesquisa. Os participantes relataram que suas experiências de leitura e escrita se dão através das demandas da universidade. Percebemos que os participantes tem maior contato com a leitura principalmente através dos polígrafos de textos solicitados pelas disciplinas cursadas; e com a escrita, quando fazem os trabalhos também solicitados pelas disciplinas e, muitas vezes, a partir da leitura desses polígrafos.

Tenho contato com a leitura diariamente, seja através dos materiais da faculdade, seja por leituras optativas. A escrita também é diária, visto que nos dias de hoje usamos as

redes sociais para a comunicação em massa. Quanto a forma estruturada da escrita, esta é rara, pois realizo mais para a construção de trabalhos acadêmicos, ou quando pretendo criar algum texto ou poesia (o que não é tão frequente) (S1)

Não tenho muito tempo para a leitura “prazerosa” o que é uma pena, pois há inúmeros livros que me chamam atenção. Então, conforme isto tenho contato direto apenas com a leitura através das leituras de polígrafos, livros que são passados pelos profs na universidade. (S2)

[...]Não tenho conseguido concluir minhas leituras por deleite, porque tenho que interromper para ler os textos obrigatórios para as disciplinas de Pedagogia. [...]. Por isso fiquei muito feliz quando a professora falou que faríamos “leitura por deleite”. Isso foi mágico, parecia que eu não estava na Puc, porque aí, somente ouvimos “leituras obrigatórias”, o que eu acredito que deveria se chamar de outra forma para estimular os que não gostam muito de ler e não desanimar os que gostam. (S5)

Nesse sentido, apesar de termos consciência da necessidade e importância das leituras obrigatórias para a formação do aluno na Graduação, assim como a escola, a universidade precisa estar atenta à importância da formação e manutenção do leitor, que precisa, ao menos, de alguma liberdade de escolha de suas leituras, de modo que não as reduza apenas às obrigatórias. Conforme Lajolo (1999, p. 109),:

É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos, ou que se trata de um tema que interessa àquele tipo de criança.

Assim, pensando em uma transformação do leitor e, por consequência, do escritor na universidade, entendemos que, além da escola nos anos iniciais, a universidade precisa possibilitar alguma liberdade de escolha de leituras que prime pelo alcance do leitor qualificado. Ressaltamos, ainda, que, em muitos casos, o desenvolvimento inicial do leitor pode dar-se na universidade, se não tiver ocorrido até essa fase.

Através dos relatos dos sujeitos participantes da pesquisa que citamos, evidenciamos que a leitura a partir de demandas da universidade ainda é o que ocupa o maior tempo de dedicação ao curso por parte desses alunos de Pedagogia. Estas acabam sendo leituras obrigatórias e não podemos mensurar a qualidade com que são feitas, afora relatos de alguns

alunos, que ouvimos durante as aulas, no Estágio de Docência: “precisei fazer leitura dinâmica para dar conta do livro”; “não entendi tudo o que li, vou ter que reler algumas partes, pois muito rápido, no ônibus, no intervalo, antes da aula”, que denotam o quanto esta leitura pode ter sido intrincada e dificultosa tendo em vista os percalços.

Outra questão muito latente é que, por dedicar-se às leituras e escritas da universidade, não sobra tempo para as leituras por deleite.

A escrita diária nas redes sociais, como bem um dos sujeitos participantes coloca, é contrária à forma estruturada da escrita, e acreditamos que em nada estimula seu desenvolvimento, contribuindo para o empobrecimento da escrita, uma vez que favorece abreviações, frases curtas, deslocadas ou simplesmente jogadas na rede de forma descontextualizada. Tampouco podemos dizer que a leitura desse tipo de texto contribua para o desenvolvimento do leitor qualificado.

Ainda, através do relato de S5, percebemos o anseio também por parte dos alunos de ter tempo para uma leitura prazerosa, de sua escolha, bem como confirmamos nossa hipótese, já relatada anteriormente, de que o trabalho da Professora Dra. Maria Inês Côrte Vitória configura-se num diferencial para os alunos do curso de Pedagogia, traz estímulo para que encontrem tempo para a leitura e atribui valor a tal atividade. Inclusive, neste último relato, percebemos que até o nome “leituras obrigatórias” remete a algo negativo, de modo que sugere que esta nomenclatura fosse trocada, “*para estimular os que não gostam muito de ler e não desanimar os que gostam*”, deixando escapar, em suas palavras, que mesmo o aluno que gosta de ler acaba desanimando ao fazer somente as leituras obrigatórias.

9.2.2 Subcategoria II - Leitura e escrita por deleite

Esta subcategoria também surgiu a partir das respostas dadas a segunda pergunta do questionário. Os participantes que têm costume de ler por deleite compartilharam suas experiências. Percebemos que alguns citaram as leituras propostas pela universidade como sua leitura por deleite, mas sempre acompanhada de algum outro tipo de leitura, seja jornais, revistas, internet, livros infantis ou espíritas.

Li Clássicos diversos e tantos outros que ao longo dos anos venho lendo desde minha mocidade. Li muita foto novela em revista na época era proibido. [...]Leio jornal hoje no clic

RBS, revista nova escola também uma amiga assina e depois me passa as revistas, Super Interessante, livros espíritas então...Zíbia, Elisa Masseti, Chico Xavier, Bezerra de Menezes e muitos outros que ainda virão e os vários autores descobertos durante meu tempo na PUCRS, Celso Vasconcelos, Paulo Freire, Mosquera (querido e saudoso professor) enfim Clarisse Lispector...são muitos. (S4)

[...]Minha experiência vai um pouco além das leituras propostas pela faculdade. Gosto muito de leituras espíritas. (S7)

Desde criança tive contato com livros de histórias infantis, eles vinham em um disco (vinil) colorido, lembro que eu adorava. [...]. Na minha casa, quem me criou foi minha avó, e ela era semianalfabeta, só sabia assinar o nome dela. A única pessoa que me incentivava era minha tia, pois era ela que me dava os discos e livros de história. (S9)

As respostas dos participantes da pesquisa nos mostram que há alunos no curso de Pedagogia da PUCRS que têm o hábito de ler por deleite, além das leituras propostas pelas disciplinas. A própria nomenclatura “Leitura por deleite” sabemos que é uma influência da Profa. Dra. Maria Inês Côrte Vitória, que ministra a disciplina, como explicamos anteriormente, e fala a seus alunos, com muita paixão e entusiasmo, desse tipo de leitura, propondo, inclusive, como tarefa livre a leitura escolhida para deleite.

Como disse, por muitas vezes, a Professora Dra. Maria Inês Côrte Vitória (comunicação oral, 2012): “*O professor precisa ser o mediador de leitura de seus alunos, um casamenteiro, cupido, que possa aproximar e fazer com que o sujeito se apaixone pela leitura.*”

Salientamos que um dos sujeitos citou uma vasta lista de autores que lê, de diferentes tipos de leitura, mas não esquecendo-se dos teóricos, e colocando-os na lista de livros que lê com satisfação. Inclusive, lembra-se de citar um dos escritores que também é seu professor, o Prof. Dr. Juan Mosquera, o que nos denota um leitor amadurecido em suas experiências, que tem satisfação não só nas leituras por deleite, mas também naquelas que contribuem para sua formação.

Outro ponto que é preciso destacar refere-se à preferência por leituras espíritas e de autoajuda por parte dos alunos de Pedagogia como leitura por deleite, o que é positivo, pois demonstra o hábito de outras leituras que não as propostas pela universidade, mas é preciso destacar que nem todos os livros dessas categorias têm uma escrita mais rebuscada, que contribua diretamente no aprimoramento da escrita do leitor.

Todavia, mais uma vez salientamos que é ótimo os sujeitos terem o hábito desse tipo de leitura, como constatamos, também, em outras respostas, e estarem alimentando o costume de ter em andamento sempre uma leitura por deleite.

Sempre fui introduzido a ler em minha casa. Minha mãe, além de mim, é única que tem formação superior e por esse motivo ela sempre quis que eu e meu irmão aprendêssemos tudo de todos. (S10)

[...]Creio que desde pequena tenho contato com os livros. Leio sempre quando é possível, fora que também tem as próprias leituras do meu curso. (S11)

[...]Tenho contato direto com a leitura muito por conta da universidade. Por deleite, gosto de ler romances e contos de fadas. (S6)

Sou do curso de Letras, então tenho contato direto com a leitura e a escrita. Assim, os livros fazem parte da minha vida. Aprendo sempre com eles!! (S3)

[...]Tenho contato com a leitura na faculdade e além dela, procuro ler jornal e revistas quando posso, assino a nova escola e gosto de ler para as crianças em sala de aula. (S8)

Aqui percebemos a influência dos pais no hábito da leitura por deleite. O quanto as leituras da universidade acabam ocupando o tempo dos alunos. Professores que gostam de ler acabam transmitindo isso aos alunos, através das leituras que fazem para eles. E que a consciência de que se aprende com cada livro que lê é uma construção bonita, e que precisa de maturidade do leitor também para a ela chegar.

9.3 CATEGORIA - SENTIMENTOS DESPERTADOS PELA LEITURA E ESCRITA NA GRADUAÇÃO

A terceira pergunta do questionário *E nas aulas de Graduação, em que momentos utiliza a leitura e a escrita? Como os percebes? Como gostarias que fossem?* gerou a categoria Sentimentos despertados pela leitura e escrita na Graduação. Nesta questão, buscamos focar os sentimentos dos alunos enquanto leem e escrevem, dando ênfase, então, a pessoa do leitor/escritor do Ensino Superior, buscando entender o que desperta o bem-estar no aluno que lê e escreve e o que precisa ser aprimorado para o alcance disso.

[...]Utilizo a leitura e a escrita na graduação, para anotações pessoais do que acho mais relevante das aulas. As anotações, as vezes, são reflexões ou até mesmo sentimentos. [...] também por algum pensamento aleatório que possa ter surgido durante a aula. Quanto a

leitura, não gosto de realizar em sala de aula, prefiro um ambiente que me proporcione mais solidão. (S1)

Ler e escrever, atos tão naturais de quem possui a cultura das letras, hábito que eu pratico como formula de reflexão e exteriorização de tudo que me aflige e fascina. [...] mas a leitura e escrita reflexiva é algo que deveria ser mais utilizado nas escolas. (S12)

[...]O curso de Pedagogia exige bastante leituras e muitas vezes comentários críticos sobre a leitura feita.[...]. Gosto muito de ler. [...]. Também acho inviável um educador que não goste de ler, como incentivará as crianças e os jovens se ele próprio não lê?

Assim, a percepção do(a) aluno(a) de Pedagogia sobre a importância do gosto pela leitura por parte do professor é algo louvável, pois denota que o/a graduando(a) tem convicção do quanto o professor leitor pode incentivar e influenciar seus alunos.

Conforme Lajolo (1999, p. 108),:

A discussão sobre a leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê.

Percebemos, nesta categoria que foca os sentimentos despertados no leitor/escritor na Graduação, respostas bem diferenciadas, como a preferência da leitura em solidão, as escritas em aula de sentimentos e pensamentos despertados nas aulas, para outros a leitura como algo natural e tranquilo, por já ser uma pessoa mais acostumada aos textos.

[...]Normalmente temos que ler muitos textos, livros, polígrafos em um curto espaço de tempo e isso dificulta a compreensão dos mesmos. (S9)

A liberdade de escrever em nossos trabalhos postados no moodle e nos trabalhos entregues em mãos é o nosso maior exercício de ler e escrever aqui na graduação.

Poder vivenciar a teoria e a prática ao mesmo instante é bastante esclarecedor e motivador assim como nos fazem sentir segurança na construção de novos conhecimentos. Descobrir que se é capaz e que a pessoa (professora) acredita e aposta em sua capacidade é muito prazeroso e significativo. A escrita e a leitura é constante e necessária. Como aluna me sinto valorizada e não tem nada melhor que isto. (S4)

Aqui destacamos os sentimentos do sujeito participante da pesquisa em relação à professora da disciplina, a comparação da teoria com a prática proporcionada pela professora referentes à escrita e à leitura. O fato do incentivo, estimulando a autoestima do aluno

[...]descobrir que se é capaz; Como aluna me sinto valorizada e não tem nada melhor que isto., denotam o diferencial dessas aulas de Educação e Literatura Infantil, e o quanto contribuem para além dos conteúdos já propostos pela disciplina, mas para a formação integral do leitor/escritor.

Acreditamos, ainda, que é importante salientarmos quão positivas são as palavras utilizadas por este sujeito para explicitar seus sentimentos em relação à utilização da leitura e da escrita na Graduação, especificamente na disciplina que comentamos: *esclarecedor, motivador, segurança, descobrir, construção, prazeroso, significativo, valorizada*. Todas essas palavras carregam consigo uma atmosfera de coisas boas, positivas, de sentimentos importantes que contribuem para o bem-estar do aluno e, com certeza, propiciam um ensino de maior qualidade e melhores resultados.

Nesse sentido, conforme Mosquera e Stobäus (apud ENRICONE, 2006, p. 108),:

Acreditamos que, nos ambientes escolares, é necessário desenvolver aspectos de autoimagem e autoestima mais positivos e realistas, porque no sistema educativo se interage de maneira intensiva, para o desenvolvimento da própria pessoa e suas dimensões socioculturais.

Salientamos que essas colocações atribuídas às aulas e à professora confirmam e corroboram com as descrições que anteriormente fizemos sobre o que observamos durante o Estágio de Docência e acompanhamento das turmas da disciplina, o que denota que os alunos também estão atentos e sequiosos por aulas e professores que contribuam para além da transmissão de conteúdos, aplicação de provas e conclusão de mais uma disciplina ao final do semestre.

Nesse sentido, conforme Seligman (2011, p. 157), autor e pesquisador com foco na Psicologia Positiva: *As emoções positivas lançam luz sobre coisas que estão particularmente bem para nós ou que estão têm o potencial de correr bem*, de modo que as aulas tendem a cada vez mais ser um sucesso com os alunos, deixando-os livres para se desenvolver e qualificar suas leituras e escritas mais tranquilamente, pois percebemos que eles já estão absorvidos em emoções positivas e, a partir disso, o gosto e vontade por ler e escrever só tendem a se ampliar.

Também de acordo com Seligman (2011, p. 157),:

Se você sentir admiração por alguém, isso significa que você acha que essa pessoa demonstrou grande habilidade ou talento em algo. Como modelo de sucesso (pelo menos nesse campo), se você prestar atenção nessa pessoa,

poderá perceber como ela realiza essa habilidade.

Através das palavras do autor, buscamos compreender a admiração pelas aulas da professora por parte dos alunos, e pelo entusiasmo com que conduz sua disciplina, e concluímos que, por todas essas características, a professora também contagia os alunos com seu exemplo. Eles conseguem perceber sua paixão pelos livros, pela escrita e reconhecem a habilidade da discente no que faz, de modo que ela passa a ser um exemplo de sucesso a ser seguido. E, mesmo a maioria já estando no início da fase adulta, outros já em seus meados, bons exemplos entusiasmados são contagiantes, bem como acreditamos que atuem como um bálsamo, que facilita e ameniza as correrias do dia a dia, de trabalho em turno integral, mais a universidade à noite, configurando o terceiro turno do dia, como já mencionamos, mostrando que vale a pena estar ali para adquirir novos conhecimentos.

Utilizo a escrita e a leitura sempre. Na letras as leituras obrigatórias acabam por fazer parte do dia a dia. (S10)

Sempre utilizo a leitura e a escrita. Creio que são sempre agradáveis, já que acabo por conhecer novas leituras, aumentando meu vocabulário. (S11)

[...]A Puc deveria dar um curso de LEITURA DINÂMICA E MEMORIZAÇÃO para nos ajudar a ler e interpretar o mais rápido possível[...] Seria uma boa para todos, pois escreveríamos melhor, se compreendêssemos melhor os textos, dentro desse espaço esmagador de cada semestre. (S5)

Por fim, nesta última resposta, verificamos o anseio por conseguir ler, memorizar e interpretar “o mais rápido possível”, evidenciando o sentimento de que há muita demanda e pouco tempo para dar conta das leituras e trabalhos da universidade, bem como mostra que os próprios alunos percebem que precisam escrever e compreender melhor os textos.

Pelo que percebemos, o aluno já tem essa concepção pelas vivências positivas trabalhadas em aula, pois só tem o entendimento de que seria bom um curso focado em leitura, por exemplo, um aluno que acredita em sua eficácia, do contrário o discente quer distanciamento até mesmo de cursos que abordem assuntos como ler e escrever.

Mas, por outro lado, é preciso atentar para a questão de que quanto mais rápido o aluno ler por necessidade, menos poderá absorver desta leitura, que poderá ser menos qualificada.

Para Lajolo (1999, p. 105),:

A atividade de leitura, que, em suas origens, era individual e reflexiva (em oposição ao caráter coletivo, volátil e irrecuperável da oralidade de poetas e contadores de histórias), transformou-se hoje em consumo rápido do texto,

em leitura dinâmica que, para ser lucrativa, tem de envelhecer depressa, gerando constantemente a necessidade de novos textos.

Então, acreditamos que cabe aos professores da Graduação capacitar os discentes para a leitura dinâmica, por uma questão de necessidade profissional, inclusive, mas que, igualmente, auxiliem e permitam o processo do leitor consciente, atento e que consiga deleitar-se sobre um texto também.

9.4 CATEGORIA - LEITURA E ESCRITA NOS ÂMBITOS PESSOAL E PROFISSIONAL

A quarta pergunta do questionário: *No âmbito pessoal e profissional, usas a leitura e a escrita em alguma tarefa? Como são esses momentos para ti? Menciona, se possível, facilidades e ou dificuldades para realizá-las...* gerou a categoria Leitura e escrita nos âmbitos pessoal e profissional. Nesta questão, buscamos nos inteirar do quanto e se o aluno da Graduação faz uso da leitura e da escrita nas esferas pessoal e profissional na atual etapa da vida em que se encontra.

9.4.1 Subcategoria I – Necessidades de leitura e escrita no trabalho

Esta subcategoria apareceu a partir das respostas dadas a quarta pergunta do questionário. Os participantes responderam sobre suas necessidades de leitura e escrita no trabalho. Destacamos que muitos afirmaram que o uso de leitura e escrita restringe-se a atividades simples e básicas, que não exigem maior conhecimento, tampouco oferecem maiores dificuldades, como e-mails, chats, mensagens de texto por celular, planilhas. Outros apresentaram uma necessidade um pouco mais aprimorada, como relatórios de iniciação científica, registro da prática docente, escrita do planejamento de aulas e leituras de cada uma dessas escritas.

Sim, são leituras simples, como e-mails, comunicação via chat, via sms(celular, planilhas com nomes de alunos, bilhetes, correspondências, etc. Não possuo dificuldades em realizar essas tarefas. (S1)

[...]Utilizo a leitura diariamente como forma de sistematizar as atividades que vou executar, como forma de registro reflexivo da prática docente, para mim esses momentos são

importantes para como forma de aperfeiçoamento pessoal e profissional, não creio que haja dificuldade nessa minha atividade. (S12)

No trabalho sim, utilizo bastante tanto a leitura quanto a escrita, [...] temos que conferir, registrar, distribuir material, fazer pedidos, licitações, abrir processos, enfim é um trabalho que nos obriga a estar sempre lendo e escrevendo. [...] Em escola infantil eu também usava bastante a escrita e a leitura, lia para mim, lia histórias para as crianças, fazia o planejamento da semana e escrevia um diário sobre as atividades realizadas [...] e não sentia dificuldades nestas tarefas. (S9)

Em todos os meus momentos profissionais a leitura e a escrita estão presentes. Como tenho que fazer relatórios semestrais da minha iniciação científica, sempre tenho que estar atenta e algumas vezes a leitura se torna cansativa por ser tão técnica. No mais, não tenho muitas dificuldades, sempre que tenho alguma dúvida, minha coordenadora me ajuda. (S11)

Interessante os sujeitos relatarem que não encontram dificuldade ao estar envolvidos com tais atividades. Entretanto, independente do nível de complexidade que as atividades que executam exigem, percebemos que são exercícios já rotineiros, aos quais já se acostumaram, e que, de fato, não configuram uma escrita mais complexa.

A leitura cansativa, por ser técnica, muitas vezes acaba sendo o único tipo de leitura a que a pessoa tem acesso, pois só a utiliza para trabalho, não tendo por hábito buscar outras com o objetivo de leitura por deleite. Além de que, quanto menos se tem contato com outras leituras, mais cansativas as técnicas parecerão, pela própria falta de hábito desenvolvido.

9.4.2 Subcategoria II – Leitura e escrita no meio pessoal

Esta subcategoria também surgiu a partir das respostas dadas a quarta pergunta do questionário. Os participantes responderam sobre suas leituras e escritas no âmbito pessoal. Além de ler e escrever bilhetes e recados, mensagens simples de telefone e e-mail no seu meio pessoal, alguns sujeitos colocaram o uso da leitura e da escrita como algo importante no seu dia a dia, já inserido como hábito e que contribui positivamente para sua vida.

Sempre tive o hábito de deixar bilhetes aos meus filhos, marido, mãe, irmãs e etc. No âmbito profissional, também, pois tinha que fazer avaliações, projetos, planos de aula.[...] Escrever organiza meus pensamentos e me orienta em como proceder a partir desses

pensamentos, colocando-os em prática. (S5)

[...]Acredito que sempre que se lê algo de alguma forma este conhecimento passa consequentemente a acrescentar saberes em nossa vida tanto profissional como pessoal. Acredito que vamos nos lapidando através de nossas leituras e nem percebemos o quanto de valia adquirimos durante um semestre. No final dele é que vamos nos dando conta de quanto fomos produtivos e o quanto valeu a pena.

Perceber a atividade de escrever como um ato que “organiza meus pensamentos e me orienta em como proceder a partir desses pensamentos, colocando-os em prática”, como descrito pelo S5, é uma conclusão a respeito do sentido da escrita de alguém que a usa com frequência e consciência de sua importância e utilidade.

9.5 PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES EM LEITURA E ESCRITA NA GRADUAÇÃO

O período de convivência com os alunos do curso de Graduação em Pedagogia, a coleta e análise de dados que fizemos, bem como a realidade do leitor/escritor na Graduação que foi se apresentando nos levaram a constatações e reflexões sobre o assunto, de modo que optamos por compilar os achados, comentá-los e distribuí-los em forma de proposta, a fim de facilitar e contribuir para o desenvolvimento do leitor/escritor na Graduação.

Quadro-resumo de ideias que compõem nossa proposta:

O QUE CONSTATAMOS	PROPOSTAS
1 - A mediação da leitura e da escrita deu-se, principalmente, pela família, pela escola ou, ainda, pela universidade.	A universidade precisa primar sempre pelo desenvolvimento das habilidades em leitura e escrita na Graduação, considerando, além do aprimoramento, que alguns alunos podem receber a primeira mediação para habilidades em leitura e escrita somente no Ensino Superior.
2 - Nos casos em que foi a família, nem sempre foram os pais os mediadores, tendo sido tios e avós, mas percebemos que alguns discursos indicavam o desejo implícito de que tivessem sido os pais,	O curso de Pedagogia, por formar profissionais que atuarão na Educação Infantil, precisa preparar esses futuros profissionais a abordarem a leitura e a escrita desde a idade mais tenra com seus alunos, mas, além disso, incentivarem

<p>quando afirmam que a mediação não foi feita por eles.</p>	<p>essas atividades em família, tios, padrinhos, avós, e, especialmente, os pais ou responsáveis pelas crianças, pela satisfação que causarão aos filhos, e poder de persuasão que têm através do exemplo.</p>
<p>3 - A escola foi a mediadora da leitura e da escrita de alguns alunos da Graduação, por professores dos Ensinos Fundamental e Médio, cujas experiências eles relatam como marcantes.</p>	<p>Os alunos de todas as licenciaturas, que atuarão nos Ensinos Fundamental e Médio, precisam ter noção da importância de sua participação no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita de seus alunos, independente da disciplina que lecionarem, pois ler e escrever são capacidades primordiais em todas as áreas.</p>
<p>4 - Para alguns alunos, essa mediação foi ocorrer somente na universidade, pelos professores, através das solicitações de leitura e de trabalhos escritos.</p>	<p>Os professores da Graduação, de todas as disciplinas, também precisam estar cientes do importante papel que têm no sentido de mediar e desenvolver a leitura e a escrita no Ensino Superior. Pois, além de qualificar a formação do aluno, estarão contribuindo para sua atuação profissional futura com crianças e adolescentes.</p>
<p>5 - Ao relatar momentos relevantes de leitura e escrita, os graduandos destacaram as oriundas de demandas da universidade, que quase todos colocaram como primordial, sendo, para alguns, os únicos momentos de ler e escrever.</p>	<p>Se os professores da Graduação tiverem conhecimento destes dados, poderão dar maior atenção aos momentos de leitura e escrita em sala, bem como às solicitações que fizerem aos alunos, buscando contribuir com a sua formação e desenvolvimento de habilidades em ler e escrever.</p>
<p>6 - Os alunos se mostraram pressionados pela quantidade de leituras de polígrafos, livros e trabalhos a respeito para todas as disciplinas, o que acabaria dificultando ou impedindo o tempo para outras leituras, de escolha própria.</p>	<p>Aos docentes da Graduação, mesmo convictos da importância dos textos que precisam que seus alunos leiam para as disciplinas, cabe ponderar as solicitações, primando pelas mais necessárias e abrindo alguma possibilidade de leitura de livre escolha, por exemplo, que tenha relação com a disciplina em pauta.</p>
<p>7 - Destacamos leitura e escrita por deleite, as quais a maioria dos discentes estava inserindo em sua vida em decorrência da disciplina, porque a professora incentivou e semeou a ideia da</p>	<p>Incluir leitura e escrita por deleite como parte da formação dos alunos, em todas as disciplinas da Graduação. Os professores podem aproveitar essas leituras tanto para promover a interdisciplinaridade quanto para contribuir</p>

<p>“leitura por deleite” e da escrita livre, sobre aspectos das aulas em diário semanal.</p>	<p>na formação do leitor/escritor no Ensino Superior.</p>
<p>8 - Dos que afirmaram estar lendo por deleite, percebemos que as escolhas ainda não são de livros clássicos ou de teor mais consistente, tendo a preferência por leituras espíritas, de autoajuda e jornais com texto mais dinâmicos e simples.</p>	<p>Inicialmente, acreditamos que todo o tipo de leitura contribui para desenvolver o gosto e habilidades do leitor em formação. Após adquirido o hábito, é possível sugerir e promover o conhecimento de outras obras, mais aprimoradas, que o leitor possa desejar, uma vez que a ele apresentadas.</p>
<p>9 - No decorrer dos semestres, percebemos um aprimoramento nas escolhas das leituras dos graduandos, que passaram a empolgar-se e a procurar ler tipos de textos inseridos nas aulas pela professora.</p>	<p>Os professores de Graduação podem ser exemplo e estímulo para os discentes. Se tiverem a convicção disso para os processos de ler e escrever, mais uma vez o dizemos, independente da disciplina que lecionarem, teremos graduandos que leem e escrevem com gosto, desejo e hábito, e só assim terão condições de convencer seus alunos, futuramente.</p>
<p>10 - A pessoa do leitor/escritor foi desenvolvida, estimulada e valorizada durante as aulas de Educação e Literatura Infantil, o que promoveu o bem-estar necessário à liberdade de ler e escrever dos graduandos.</p>	<p>A universidade, os cursos e os professores de Graduação, estes responsáveis por colocar em prática a missão e valores estabelecidos, precisam ter conhecimento de que, em cada aluno da Graduação, existe a pessoa do leitor/escritor que tem o direito de ser trabalhada e incentivada positivamente, de modo que possa ter experiências enriquecedoras, que leve consigo para a vida pessoal e profissional. É nesta transformação que acreditamos.</p>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi refletir sobre as práticas positivas dos discentes e sua docente voltadas à leitura e à escrita na Graduação, que propiciem um melhor desenvolvimento nas diferentes áreas da vida estudantil, profissional e pessoal.

Através do acompanhamento das aulas da disciplina Educação e Literatura Infantil, do curso de Pedagogia, ministrada pela Profa. Dra. Maria Inês Côrte Vitória, durante o Estágio de Docência, e do posterior convívio, através da Plataforma Moodle, com as turmas da disciplina, para coleta de dados da pesquisa, foi possível perceber que muitos dos alunos da Graduação apresentam pouco interesse pela leitura, não chegam ao curso com o hábito de ler, bem como, em consequência disso, têm poucas possibilidades para a escrita qualificada.

Ainda, quando perguntados sobre as necessidades de leitura e escrita no âmbito pessoal e profissional, muitos relataram que, no trabalho, fazem uso simples tanto de leitura quanto de escrita, alguns chegam a usar somente para redes sociais, mensagens de celular, outros para e-mails simples e alguns para relatórios de trabalho, para os quais encontram alguma dificuldade, por ser uma escrita mais técnica. Entretanto, é preciso atentar que, quando assumirem sua profissão, já graduados, as exigências serão outras. No âmbito pessoal, os que disseram usar a leitura e a escrita, o fazem já com consciência dos benefícios, estão acostumados a fazê-lo, inclusive para organização das ideias.

Destacamos que a atuação da professora mostrou-se muito importante para modificar esse perfil nas suas turmas, de modo que o entusiasmo com que apresenta a leitura e a escrita aos alunos, as explicações sobre a real importância da qualificação nas atividades que propõe e sua atuação como docente são contagiantes. Dos seus incentivos, destacamos a “leitura por deleite”, que permite aos alunos inserirem em suas rotinas livros de sua escolha, para ler por prazer, a qualificação da escrita no Ensino Superior, através de escritas no diário semanal sobre as aulas, bem como os comentários sobre livros e leituras.

O primeiro objetivo específico de nosso estudo, investigar a capacidade de apropriação de leitura e escrita dos alunos do curso de Pedagogia da PUCRS, foi atingido através da leitura e análise da segunda e da quarta perguntas do questionário. Evidenciamos dificuldade por parte de muitos alunos em leitura e escrita, mas, através do trabalho presenciado nas aulas da professora, que tão bem os conduziu visando despertar o interesse pela leitura e qualificar a leitura e a escrita, percebemos um crescimento visível dos discentes que cursaram a disciplina

ao final do semestre, apresentando interesse e motivação para ler, mais encorajamento e qualificação para escrever, bem como entusiasmo e gratidão à professora pelo diferencial que acrescentou à trajetória deles, tanto profissional quanto pessoal. Isso percebemos, além de no dia a dia, através das autoavaliações respondidas pelos alunos.

A partir disso, entendemos que essa capacidade de apropriação da leitura e da escrita precisa ser trabalhada cada vez mais nos alunos do Ensino Superior, preferencialmente por todos os professores, de modo a contribuir com sua formação e qualificação profissional. E, se bem estimuladas e aperfeiçoadas, podem render ótimos resultados, como pudemos presenciar no progresso das turmas ao final de cada semestre.

O segundo objetivo específico deste estudo, avaliar como se construíram e ainda se constroem as habilidades de leitura e escrita destes alunos de Graduação, foi atingido através da análise das respostas dadas a primeira e a segunda perguntas do questionário de pesquisa, que tinham por intuito, respectivamente, descobrir como foi a mediação à leitura dos discentes e quem a mediou, e, também, quais são os momentos relevantes de leitura e escrita dos alunos.

Este estudo revelou que a mediação da leitura e da escrita deu-se, principalmente, pela família, pela escola ou, ainda, pela universidade. Nos casos em que foi a família, nem sempre foram os pais os mediadores, tendo sido tios e avós, mas percebemos que alguns discursos indicavam o desejo implícito de que tivessem sido os pais, quando afirmam que esta não foi feita por eles. Na escola, por alguns professores dos Ensinos Fundamental e Médio. E, para alguns, essa mediação foi ocorrer somente na universidade, pelos professores, através das solicitações de leitura e de trabalhos escritos. O que denota a possibilidade, e dizemos mais, a responsabilidade que os professores do Ensino Superior tem de instigar, desenvolver, trabalhar e ampliar a leitura e a escrita de seus alunos, já que, para alguns, essa familiaridade pode vir a ocorrer somente na Graduação.

Nos momentos relevantes de leitura e escrita, destacou-se as oriundas de demandas da universidade, que quase todos colocaram como primordiais, sendo, para alguns, os únicos momentos de ler e escrever. Sobre essas leituras e escritas, os alunos se mostraram pressionados pela quantidade de leituras de polígrafos, livros e trabalhos a respeito para todas as disciplinas, o que acabaria dificultando ou impedindo o tempo para outras leituras, de escolha própria.

A outra categoria de momentos relevantes foi de leitura e escrita por deleite, as quais a

maioria estava inserindo em sua vida em decorrência da disciplina, porque a professora incentivou e semeou a ideia da “leitura por deleite” e da escrita livre, sobre aspectos das aulas em diário semanal. Dos que afirmaram estar lendo por deleite, percebemos que as escolhas ainda não são de livros clássicos ou de teor mais consistente, tendo a preferência por leituras espíritas, de autoajuda, e jornais com texto mais dinâmicos e simples, como o Diário Gaúcho. Salientamos que, independente do tipo de leitura que os graduandos estiverem fazendo, todas contribuem de alguma forma para a formação e manutenção do leitor, o que é ótimo, apenas salientamos que essas categorias de texto não têm uma escrita mais rebuscada, que contribua diretamente com o aprimoramento da escrita do leitor.

Todavia, percebemos, no decorrer dos semestres, um aprimoramento nas escolhas das leituras dos graduandos, que passaram a empolgar-se e procurar ler tipos de textos inseridos nas aulas pela professora, como poemas de autores clássicos, contos de fadas em sua versão original, e textos mais densos, como, por exemplo, As Mil e Uma Noites, porque a história de Sherazade foi usada para ilustrar conteúdo e a turma se encantou, além de tantos outros, dos diversos gêneros textuais abordados pela professora. A partir dessas informações, pudemos perceber como se dá a construção das habilidades para leitura e escrita dos alunos do curso de Graduação em Pedagogia.

O terceiro objetivo específico da presente pesquisa, investigar o bem-estar da pessoa do leitor/escritor para um desenvolvimento pleno em leitura e escrita na Graduação, foi alcançado através da análise das respostas dadas a terceira pergunta do questionário, que abordou os sentimentos despertados pela leitura e escrita na Graduação. Os participantes tiveram a oportunidade de dizer como se sentem em relação à leitura e à escrita na Graduação, como gostariam que fossem esses momentos, de modo que focamos a pessoa do leitor/escritor, com o intuito de entender o que desperta o bem-estar no aluno da Graduação em Pedagogia quando lê e escreve e o que precisa ser aprimorado para o alcance disso.

Alguns, mais acostumados aos exercícios, se referiram à leitura e à escrita como algo natural, que é feito com tranquilidade; outros gostam de utilizar a escrita para anotar tudo que puderem durante as aulas, os conteúdos, os sentimentos e pensamentos despertados pelas leituras. Outros manifestaram preferir ler sozinhos e longe da sala de aula, o que denota um certo mal-estar em relação ao assunto, visto que é impossível apenas ler em casa, pois todas as aulas apresentam demandas de algum tipo de leitura, momento para o qual, se o aluno não estiver sentindo-se tranquilo em fazê-lo, não chegará ao nível de aprofundamento necessário

para absorver o conteúdo de forma desejada.

Ainda, alguns manifestaram sentir-se bem com a liberdade de poder escrever para postar na Plataforma Moodle e para os trabalhos da Graduação, expressando suas ideias. Destacamos que os alunos fazem questão de ressaltar o quanto se sentem bem com os incentivos e a motivação que recebem da professora, que ficam mais livres para ler e escrever inclusive, por sentirem-se capazes e valorizados, como um dos participantes escreveu. Muitos outros utilizaram palavras positivas para se referir à disciplina, aos conteúdos e à professora, como esclarecedor, motivador, segurança, descobrir, construção, prazeroso, significativo, valorizada, evidenciando que estão tendo experiências de bem-estar com relação à leitura e à escrita na disciplina.

Isso nos leva a concluir que, assim, a pessoa do leitor/escritor está sendo trabalhada e aprimorada, e que fez diferença para a turma a abordagem da professora, de modo que este pode ser um caminho a ser explorado pelo curso como um todo, porque a pessoa do leitor/escritor, reiteramos, aparece em todas as disciplinas, haja vista a leitura e a escrita estarem inseridas nas mais variadas ocasiões, inclusive em disciplinas mais exatas, e temos a possibilidade de aprimorá-las e lapidá-las.

O quarto objetivo específico deste estudo, refletir sobre os resultados positivos, que favoreçam a leitura e a escrita, através da estimulação e do trabalho desenvolvido pelos professores da Graduação, foi alcançado após a análise geral de todos os dados, bem como reflexões a respeito da prática observada em sala de aula e das interações das turmas na Plataforma Moodle.

Assim, após o acompanhamento do trabalho feito pela Profa. Dra. Maria Inês Côrte Vitória na Graduação, e por tudo que já mencionamos aqui, podemos afirmar que os métodos utilizados surtem efeitos positivos com relação à promoção da leitura e à qualificação escrita no Ensino Superior. Os alunos concluem a disciplina com interesse despertado para os livros, passam a ler mais e fazer comentários sobre suas leituras nas aulas, escrevem com interesse nos diários e os entregam para que a professora os verifique, denotando interesse na atividade também, e estão, visivelmente, com maior bem-estar, o que explicitam abertamente nas conversas de final de disciplina e autoavaliações respondidas.

Ainda, precisamos mencionar que as citações das respostas dos alunos ao questionário foram transcrições diretas e exatas, tal qual escreveram, sem qualquer interferência de reescrita ou revisão, permanecendo com eventuais erros de ortografia, de pontuação, de

sintaxe, entre outros. Como revisora de textos, Licenciada em Letras e já tendo lecionado Língua Portuguesa por anos, o ímpeto de ir automaticamente revisando e modificando precisou ser segurado, pois deixamos esta interação para a professora da turma, além de que esta sempre ressaltava aos alunos que quanto mais leitura, mais qualificada a escrita. Salientamos, inclusive, que os alunos do curso de Letras, que se disseram no questionário já bem inseridos na leitura e na escrita, também cometeram erros que precisariam ser revisados, denotando, talvez, que também precisam ampliar ou aperfeiçoar seu horizonte de leituras.

Por termos acompanhado este belo trabalho, e por nossa total afeição ao aprimoramento da leitura e da escrita em todos os níveis de ensino, especialmente na Graduação, que é o foco de nossa pesquisa, já que os graduandos de Pedagogia hoje estarão atuando à frente e nas escolas num futuro breve, temos certeza que, se forem qualificados em leitura e escrita, promoverão uma atuação diferenciada em sua profissão.

Assim, entendemos e sugerimos que a leitura e a escrita abordadas dessa forma como percebemos durante a coleta de dados e posterior análise passe a ser um dos objetivos do curso de Pedagogia, que possa ser trabalhada nas mais variadas disciplinas, por todos os professores, para uma formação integral em leitura e escrita, como escrevemos no decorrer deste estudo.

E, humildemente, fica o sonho de uma contribuição aos outros cursos, tanto da PUCRS quanto de outras universidades, através de nossas propostas, para uma mudança no sentido de qualificar e aprimorar a leitura e a escrita, para uma formação que desenvolva as habilidades da pessoa do leitor/escritor no Ensino Superior.

A trajetória deste estudo foi muito gratificante, pois, ao optar pela pesquisa a respeito da leitura e da escrita no Ensino Superior, acabamos encontrando um exemplo muito positivo de professora colocando em ação uma prática extremamente qualificada. Ao nos depararmos com isso, tivemos a certeza de que, ao invés de sair procurando subsídios que comprovassem que é preciso fazer algo para que os alunos da Graduação concluam o curso mais qualificados nos atos de ler e escrever, ter a oportunidade de mostrar ações positivas que já estejam sendo feitas é extremamente satisfatório. É, também, uma forma de incentivo à mudança, pois este estudo mostra que é possível um trabalho diferenciado e com ótimos resultados nessa área.

Nossa pesquisa deu-se ao longo de dois anos, iniciando-se no com o Estágio de Docência, em que acompanhamos muito de perto os alunos da disciplina em seu dia a dia de aula e através da Plataforma Moodle. Após, passamos a interagir com as turmas posteriores

através da Plataforma, com autorização da docente, onde fomos postando as perguntas do questionário e acompanhando as respostas e interações dos alunos, de modo que tivemos tempo para refletir e fazer alterações nas perguntas do questionário, para que chegássemos exatamente ao nosso foco de interesse.

Esse tempo de acompanhamento, de quatro semestres, apesar de ser mais longo, foi o que nos garantiu acesso aos resultados que obtivemos. Que são mais amplos do que se tivéssemos apenas aplicado um questionário único aos alunos e após analisado as respostas. Encontramos limitações para a que a análise fosse mais específica porque acompanhamos o crescimento dos alunos em um semestre, quando cursavam a disciplina, após esse período, já era uma nova turma e partíamos do início novamente com as interações.

Diante disso, um estudo interessante seria longitudinal, que acompanhasse esse desenvolvimento do leitor/escritor ocorrido na disciplina ao longo de toda a Graduação. E, se possível, dois anos após a Graduação, por exemplo, e futuramente, da Graduação para o mercado de trabalho, em sua atuação profissional. Seria uma forma de conseguir um acompanhamento mais completo dos efeitos do trabalho desenvolvido visando qualificar o leitor/escritor na Graduação.

REFERÊNCIAS

ALFASOL. **Alfabetização inicial de jovens e adultos**. Disponível em: <<http://www.alfabetizacao.org.br/site/eja.asp>>. Acesso em: out.2013.

ASENSIO, José. M.; GARCÍA CARRASCO, Joaquín.; NÚÑEZ CUBERO, Luis.; LARROSA, Jorge. **La vida emocional**. Barcelona: Ariel, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo. HUCITEC.1992.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo de Bardin**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

CHRISTOFOLI, Maria C. P. A aprendizagem de língua escrita: construção dos processos de ler e escrever. TREVISAN, A.; MOSQUERA, J. J. M.; PEREIRA, V. W. **Alfabetização e cognição**. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.p. 139-145.

DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa**. Prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

DOHMS, Karina P.; RAMOS, Milena; STOBÄUS, Claus D.; MOSQUERA, Juan José M. **Docente e discente: interinfluências nos processos**. Educação Por Escrito. Edipucrs. Porto Alegre.

ENRICONE, Délcia. **A docência na educação superior: sete olhares**. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

HOBBSAWM, Eric (1995). **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo, Companhia das Letras.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, Leitura e Escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Evolução do alfabetismo funcional na última década**. Disponível em: <http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por>. Acesso em: out.2013.

- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1999.
- LEONTIEV, Alexis. Et. AL. **Psicologia e pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo: Moraes, 1991.
- MATTOS, Luiz A. de. **Primórdios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Aurora, 1958.
- MORIN, E. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- MOSQUERA, Juan J. M. **O professor como pessoa**. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- MOSQUERA, Juan J. M., STOBÄUS, Claus. D. Leitura: o ato de ler e as diferenças individuais. In: TREVISAN, A.; MOSQUERA, J. J. M.; PEREIRA, V. W. **Alfabetização e cognição**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 195-206.
- NEVES, Iara C. B., (org.) **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.
- NOVA ESCOLA. **Inaf: cai analfabetismo no País, mas desafio ainda é gigante**, 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/cai-analfabetismo-pais-desafio-ainda-gigante-693353.shtml>>. Acesso em: out.2013.
- NOVA ESCOLA. **Uma lenta caminhada**, 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/avaliacao/uma-lenta-caminhada-analfabetismo-funcional-alfabetismo-inaf-instituto-paulo-montenegro-leitura-escrita-518768.shtml>>. Acesso em: out.2013.
- REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 33., 2010, Caxambu. **Anais...** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/app/webroot/33encontro/internas/ver/trabalhos>>. Acesso em: jun./jul. 2012.
- REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 34., 2011, Natal. **Anais...** Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/index.php?option=com_content&view=category&id=47&Itemid=59>. Acesso em: jun./jul. 2012.
- ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SAVIANI, Demerval. **História da História da Educação no Brasil: Um Balanço Prévio e Necessário**. In: V Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares, organizado pela Uninove e realizado em São Paulo, de 27 a 29 de agosto de 2008.
- SELIGMAN, Martin E. P. **Florescer**: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar. Tradução Cristina Paixão Lopes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria H.C. (Org.) **História e Memórias da Educação no Brasil**. Volume III. Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

TREVISAN, Albino; MOSQUERA, Juan José M.; PEREIRA, Vera W. **Alfabetização e cognição**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

VYGOTSKYI, Lev; LURIA, Alexander; LEONTIEV, Alexis. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Icone, 1989.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VITÓRIA, Maria I. C.; CHRISTOFOLI, Maria C. P. A escrita no Ensino Superior. **Educação (Santa Maria Online)**, v. 38, p. 41-54, 2013.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A**CARTA DE ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA À COMISSÃO CIENTÍFICA**

Porto Alegre, ____ de _____ de 2013.

À Comissão Científica – PUCRS

Prezados Senhores

Ao saudá-los, encaminhamos para apreciação o Projeto de Pesquisa de Mestrado intitulado, **A PESSOA DO LEITOR E ESCRITOR: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES**, que tem por objetivo compreender como se construíram e ainda se constroem as habilidades de leitura e escrita dos alunos de Graduação do curso de Pedagogia, mediante um estudo qualitativo das experiências vivenciadas pelos alunos de uma universidade particular de Porto Alegre, sob a orientação do Prof. Dr. Claus D. Stobäus.

Informamos que este estudo será realizado em uma universidade particular de Porto Alegre/RS, com o consentimento da Direção do Colégio. No aguardo do parecer do referido Projeto, colocamo-nos à disposição para esclarecimentos necessários.

Atenciosamente,

Milena Ramos

Mestranda em Educação – PUCRS

Prof. Dr. Claus D. Stobäus

Orientador

APÊNDICE B – Exemplo de postagem de questão na Plataforma Moodle

moodle.pucrs.br/mod/forum/view.php?id=746068

The logo for PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) is displayed in a large, blue, serif font against a background that transitions from orange at the top to red at the bottom.

[Manuais](#) [Correio Acadêmico](#) [Informações](#) [Contatos](#) [Novidades da nova versão](#)

[Minha página inicial](#) ▶ [1445K-04127132](#) ▶ [Fórum Pesquisa 1 \(Leitura e escrita\)](#) ▶ [Fórum Pesquisa 1](#)

Olá, este é o nosso fórum semanal, onde cada um pode escrever sobre suas experiências em leitura e escrita.

Ressaltamos que as respostas podem ser bem abertas, e que aqueles que não têm muita afinidade com o assunto também contem sua experiência, pois o foco da pesquisa é justamente o despertar ou reforçar mais ainda o gosto por ler e escrever.

Aguardamos os relatos da turma!

Ótimas reflexões e escritas para todos!

Abraço e obrigada!
Profa. Maria Inês e Milena

PERGUNTA DA SEMANA:

Tens algum contato com leitura e escrita? Quando? Em que situação (somente na universidade, além, onde...)?

Neste fórum todos os participantes podem iniciar novas discussões.

[Acrescentar um novo tópico de discussão](#)

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada A PESSOA DO LEITOR E ESCRITOR: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES tem por objetivo compreender como se construíram e ainda se constroem as habilidades de leitura e escrita dos alunos de graduação do curso de Pedagogia, mediante um estudo qualitativo das experiências vivenciadas pelos alunos de uma universidade particular de Porto Alegre.

O estudo será desenvolvido mediante sua participação através de um questionário e entrevistas semiestruturadas, e suas respostas serão analisadas pelos pesquisadores.

Milena Ramos e Claus Dieter Stobäus (PUCRS), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS (fone 3320.3635), são os responsáveis por esta pesquisa e asseguram que os docentes entrevistados não serão identificados, bem como não serão identificadas pessoas e instituições eventualmente citadas nas entrevistas, mantendo-se o anonimato dos dados colhidos, que serão utilizados apenas nesta pesquisa. O telefone do Comitê de Ética da PUCRS é 3320.3345 e o horário de funcionamento é das 8 h às 12 h e das 13h30min às 17h.

Eu, _____, aluno convidado, declaro que recebi informações de forma clara e detalhada a respeito dos objetivos e da forma como participarei desta investigação, sem ser coagido a responder eventuais questões por mim consideradas de menor importância ou constrangedoras. Também estou informado de que, a qualquer momento, posso esclarecer as dúvidas que tiver em relação à entrevista e aos questionários, assim como usar da liberdade de deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer dificuldade para mim. A minha assinatura neste Termo de Consentimento autoriza os pesquisadores a utilizar e divulgar os dados obtidos, sempre preservando a minha privacidade, bem como a de pessoas ou instituições eventualmente por mim citadas. Declaro que recebi uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que este foi suficientemente esclarecido pela pesquisadora.

Esta pesquisa trata-se de uma Dissertação de Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS – e será desenvolvida pela mestrandia Milena Ramos, sob orientação do professor Claus D. Stobäus.

Assinatura do Aluno Participante

Milena Ramos

Prof. Dr. Claus D. Stobäus

Porto Alegre, ____ de _____ de 2013.

ANEXOS

ANEXO I - Termo aprovado pela Comissão Científica

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COMISSÃO CIENTÍFICA

PROCOLO DE PESQUISA Nº ¹⁰⁶...../2013

Título do Projeto:

A Pessoa do leitor e escritor: uma proposta de educação para o desenvolvimento de habilidades.

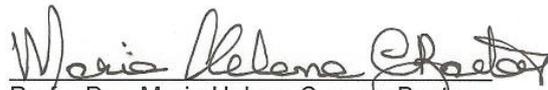
Mestrando: Milena Ramos

Orientador: Claus Stobaüs

O projeto de pesquisa atende aos requisitos exigidos, apresentando definição do foco, justificativa, questão de pesquisa, objetivos, referencial teórico-metodológico, cronograma. Estão especificados os instrumentos de coleta de informações: entrevistas semiestruturadas. Também anexa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Considerando que não há um perfil invasivo no procedimento com seres humanos, o encaminhamento para o CEP é facultativo, ficando essa deliberação a cargo dos pesquisadores, inclusive com vistas a publicações posteriores.

Porto Alegre, 9 de setembro de 2013.


Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos
p/Comissão Científica da FACED